



<http://livrosgospel.net>

<http://livrosevangelicos.org>

Livros gospel e estudos bíblicos grátis, livros de utilidades

gerais e produtos diversos

AUTORIDADE ESPIRITUAL

David W. Dyer

PREFÁCIO

No deserto, os filhos de Israel foram confrontados com um problema. Surgiu, entre eles, uma questão sobre quem deveria estar em liderança.

Além de Moisés e Arão, havia outros homens na congregação que eram bem conhecidos e considerados líderes. Entre eles estavam Datã e Abirão, que reuniram outros 250 para desafiar a liderança dos ungidos de Deus. Eles estavam lutando por posições de autoridade e reconhecimento entre o povo de Deus. Falaremos mais tarde, no capítulo 2, acerca do julgamento de Deus sobre estes rebeldes, mas aqui a nossa consideração é diferente.

Imediatamente após este confronto relativo à autoridade de Deus ter sido resolvido, Nosso Senhor sentiu que era necessário ensinar a Seu povo uma lição sobrenatural. Ele sabia que Seus filhos, no futuro, também precisariam ser capazes de reconhecer a autoridade espiritual. Eles iriam necessitar de uma base pela qual poderiam julgar que tipo de autoridade era simplesmente humana e qual era verdadeiramente divina. Já que a autoridade terrena pode ser comovente com todo o seu charme e possibilidades, talvez nós também possamos nos beneficiar da ilustração sobrenatural de Deus.

O que Deus fez foi isto: Ele instruiu Moisés a tomar um cajado de cada um dos líderes da congregação. Esta vara era um símbolo de liderança e autoridade. Essa coleção de varas, entre as quais aquela de Arão, foi colocada no tabernáculo durante a noite. Pela manhã, algo sobrenatural havia ocorrido. A vara de Arão tinha mudado de três maneiras. Ela havia brotado, florescido e dado frutos – tudo ao mesmo tempo! Isto é realmente incrível. Você já viu um galho de uma árvore ter botões, flores e frutos simultaneamente? As outras varas permaneceram como eram – velhas, duras e secas. Mas a vara daquele que estava manifestando autoridade divina tornou-se completamente diferente.

Esta ilustração ainda fala conosco hoje. A autoridade humana e a autoridade verdadeiramente divina tem, cada uma, um distinto sabor espiritual. Cada uma tem características individuais que podemos identificar. A autoridade terrena é dura e seca. Ela exige direitos sobre nós, mas não dá satisfação. É exercida pela força humana e impingida com medidas terrenas. Assim como uma vara velha e seca poderia ser usada para bater ou golpear um animal desobediente, assim também a autoridade humana controla os outros através do uso da poder, coerção, exigências ou força superior, seja física ou psicológica. Hoje, por exemplo, entre os grupos cristãos esta autoridade é freqüentemente escondida

através da aceitação ou rejeição do grupo. O líder manipula a opinião do grupo que, então, serve como um tipo de vara para disciplinar o desobediente.

A verdadeira autoridade espiritual, por outro lado, tem um sabor inteiramente diferente! Ninguém nunca pensaria em bater em alguém com um galho cheio de flores e frutos. Alguma coisa a mais está focalizada aqui. Para começar, os botões falam de algo novo, macio e fresco, algo que está vivo. Assim, vemos que a autoridade espiritual está viva e que é cheia da vida divina. As flores nos falam de algo cheiroso, algo com o doce perfume do caráter de Cristo. E os frutos nos falam de algo nutritivo, não de exigência, mas de satisfação. Estas são as características da verdadeira liderança e autoridade espiritual. Aqueles que a estão exercendo exibirão estas qualidades: eles estarão cheios da vida de Deus, vivendo em comunhão íntima com Ele. Eles terão o aroma doce de Cristo porque tiveram o caráter Dele saturando suas vidas, tendo suas próprias habilidades naturais e autoridade quebradas por Sua mão. Finalmente, eles serão uma fonte de alimento e satisfação ao invés de exigência seca, já que eles próprios estão firmemente ligados à videira celestial.

Aqui, irmãos e irmãs, está o verdadeiro teste de toda e qualquer autoridade na Igreja cristã. Quais características ela mostra? Que sabor e aroma ela tem? Verdadeiramente estas coisas são espiritualmente discernidas e não podem ser compreendidas pelo homem natural. Mas isto não nega a realidade dela. Cada um de nós é requerido por Deus a se submeter à Sua autoridade. Portanto, é necessário que cada um de nós seja capaz de discernir e decidir o que vem verdadeiramente Dele, e o que é apenas a vara do homem. Em cada lugar e em cada grupo há aqueles que estão declarando ter ou estar com a verdadeira autoridade. Possa Deus nos dar graça para que possamos discernir o sabor do que é genuinamente Dele. Possa Deus também usar este livro para ajudar o Seu povo em todo este importante empreendimento.

DAVID W. DYER

1. DOIS TIPOS DE AUTORIDADE

Iniciando nossa discussão sobre este tema tão importante, primeiramente precisamos afirmar que Deus é a fonte de toda a autoridade. Ele detém o poder supremo. Ele é Aquele que está sentado no trono do universo e é

Ele quem tem completo controle sobre todas as coisas.

Consequentemente, podemos deduzir que qualquer outra autoridade que exista no universo foi estabelecida por Ele ou, pelo menos, só existe com a

Sua permissão. Sem o Seu consentimento, não seria possível a sobrevivência de qualquer outra autoridade. Entretanto, não importa onde encontremos autoridade neste mundo de hoje (seja ela boa ou má), sabemos que é algo que provém legalmente de Deus. Isto é exatamente o que as Escrituras ensinam. Governos humanos, Forças Armadas, juízes, etc., são instituições que são estabelecidas por Deus para inibir as forças do mal neste mundo (Rom 13:1-7).

O tipo de autoridade que governos e outros administradores terrestres possuem é chamada "Autoridade Delegada." Como já vimos, Deus é o detentor da autoridade suprema, mas Ele escolheu "delegar" ou "dar" esta autoridade a outros indivíduos que supostamente agirão como Seus representantes. Uma vez que Deus dá esta autoridade, ela então pertence à pessoa à qual foi dada. Embora sejam responsáveis perante Deus pelo uso desta autoridade, ela é deles para ser exercida como lhes aprouver.

Na realidade, eles se tornam a autoridade. Autoridades delegadas podem exercer corretamente seu poder ou podem fazer mau uso dele. Podem ser

bons governantes que decidem o que é do melhor interesse de Deus e daqueles sobre os quais eles governam, ou podem ser maus e se utilizarem desta autoridade em benefício próprio e em prejuízo de outros.

Independente do modo como a usam, aqueles que estão no poder são autoridades delegadas por Deus.

Mas a autoridade delegada não é o único tipo de autoridade revelada na Bíblia. Existe uma outra variedade de autoridade que nos é apresentada, a qual, embora também se origine em Deus, é bastante diferente. Para esclarecer, creio que este tipo de autoridade pode ser considerado como "Autoridade Transmitida." Esta autoridade não pertence à pessoa que a está exercendo. Não é algo que lhe é "dado" para usar segundo suas

próprias inclinações. Ao invés disto, a autoridade transmitida é exercida simplesmente pela transmissão da autoridade de Deus.

As pessoas envolvidas neste caso são somente vasos, instrumentos através dos quais a autoridade Divina flui. Elas não possuem sua “própria” autoridade, mas apenas estão atendendo às orientações do Altíssimo. Quando Deus fala a elas referindo-se a outros, então elas falam. Quando Ele conduz as pessoas a tomar determinada atitude, então elas se movem. Mas elas nunca se atribuem esta autoridade. Não importa quão frequentemente elas sejam usadas por Deus para transmitir Sua autoridade, elas nunca se tornam esta autoridade.

Moisés é um exemplo de alguém que exerceu esta autoridade “transmitida” por Deus. Ele não estava guiando os filhos de Israel de acordo com suas próprias idéias ou direções. Ele não estava expressando a si próprio. À medida em que se lê no Antigo Testamento sobre como ele retirou os Israelitas da escravidão, fica bem claro que ele se movia e falava de acordo com instruções sobrenaturais. Cada passo dado, cada lei e cada ordem, todo detalhe do tabernáculo, tudo foi executado conforme direção espiritual. Ele não tomou posição ao exercer a autoridade conferida a ele. Ele não estava formulando seus próprios planos, nem tomando suas próprias decisões. Ao contrário, ele apenas permitia que Deus o usasse para transmitir Sua autoridade ao povo. Quando a autoridade de Moisés foi desafiada por Coré e sua gente, ele resumiu sua posição desta forma: “Através disto saberão que o Senhor me enviou para realizar todas estas obras, pois eu não as realizei por minha própria vontade” (Num 16:28).

Nosso Senhor Jesus Cristo foi o supremo exemplo de tal autoridade espiritual transmitida. Ele não veio para fazer Sua própria vontade mas, em vez disso, submeteu-se à vontade do Pai (João 14: 10). Quando Jesus expulsou demônios, Ele revelou a autoridade do Pai. Quando Ele amaldiçoou a figueira, foi a voz do Pai que foi ouvida (Mateus 21: 19). Quando Ele repreendeu o vento e as ondas, foi a autoridade do Pai que foi demonstrada (Lucas 8:24). Cada aspecto do Seu viver era a manifestação do Deus invisível. Mesmo estando qualificado para fazê-lo, Ele nunca exerceu Sua própria autoridade mas, em vez disso, permitiu que Seu Pai fluísse através Dele.

Então nós vemos que há dois diferentes tipos de autoridade presentes no mundo hoje. Uma é terrena, do tipo humana – uma autoridade delegada – que é exercida pelo homem, acatada pelo homem e reconhecida por aqueles que vivem nesta Terra. Esta autoridade é inevitavelmente acompanhada por adereços superficiais que ajudam a raça caída a identificar essas autoridades. Posições, títulos, uniformes e muitas outras manifestações exteriores servem para identificar aqueles que têm autoridade delegada. Este tipo de autoridade está sempre procurando o reconhecimento de outros homens; de fato ela necessita desse reconhecimento para funcionar. É uma autoridade natural e secular que foi planejada por Deus para atrair a natureza caída do homem. É algo que Deus instituiu, que opera de acordo com a moda deste mundo para governar as pessoas do mundo.

A outra espécie de autoridade é a espiritual. É o tipo transmitido. É através desta autoridade que Deus planeja governar Seu povo. Neste tipo de autoridade, a pessoa envolvida é simplesmente um canal através do qual a liderança de Deus flui. Ela não precisa de qualquer título ou honraria para reforçar o que diz. Ela não está tentando impressionar os outros para que a obedçam. Sua posição é a de alguém submisso a Deus. Consequentemente, a palavra de Deus flui dele para os outros. Deste modo, a verdadeira autoridade de Jesus é revelada em Sua Igreja.

O primeiro tipo de autoridade foi ordenado por Deus para governar o mundo; o segundo tipo, espiritual, para governar Seu povo, Sua Igreja. Essa é uma diferença muito importante. Cada uma das autoridades é válida, mas tem sua própria esfera. Infelizmente, os crentes hoje frequentemente confundem esses dois tipos de autoridade. Alguns nem mesmo estão cientes de que exista tal distinção. Consequentemente, muitas vezes tentam usar a autoridade humana para construir a Igreja. Eles tentam, usando métodos humanos, trazer a ordenança Divina para o corpo de Cristo. Entretanto, simplesmente não funcionará.

AUTORIDADE NA IGREJA

Há, certamente, necessidade de autoridade na Igreja. Não há dúvida de que Deus usa os homens para serem ambos, líderes e exemplos para

outros e para atraí-los para um relacionamento com Cristo. Mas que tipo de autoridade deveria ser essa? É uma autoridade que é derivada de uma “posição” na Assembléia? Ela vem de uma indicação para ser ancião, ministro, diácono ou algo similar? Um título ou um “cargo” qualifica um homem para liderar o povo de Deus? Essa responsabilidade é conferida a alguém por outros homens que também possuem algum título, educação ou posição? Vem por algum tipo de voto de confiança dado pela maioria?

Ou esta honra é colocada sobre alguém pela virtude de ser a personalidade mais forte do grupo? Certamente não! Todos esses são apenas métodos terrenos que servem só para impedir os propósitos de Deus e levar as pessoas á escravidão.

Como vimos, a genuína autoridade espiritual emana do próprio Deus.

Aqueles que exercem tal autoridade são vasos preparados que transmitem os pensamentos e desejos de Deus para o Seu povo. É este tipo de autoridade que deveríamos estar exercendo na Igreja hoje. Precisamos desesperadamente de homens que falem quando Deus fala com eles, que liderem de acordo com Sua direção e que manifestem Suas revelações. A grande necessidade atual não é daqueles que foram treinados, eleitos ou indicados para posições de autoridade, mas daqueles que são íntimos de Deus e através dos quais Ele pode transmitir livremente Sua vontade.

A genuína autoridade espiritual não vem por uma indicação para uma “posição” ou “diaconato”. Embora certos homens tenham adquirido no Novo Testamento rótulos como “ancião”, “diácono” ou “apóstolo”, a autoridade deles não veio por causa de alguma “posição”. A verdade é exatamente o contrário. Tais designações vieram como resultado do profundo trabalho espiritual que Deus fez interiormente neles. Elas eram uma maneira de descrever suas funções especiais no corpo. Em alguma área específica Deus preparou esses homens para serem canais de Sua autoridade. Esses nomes foram usados para identificar essas áreas de serviço, não para qualificá-los para elas.

Sim, a Bíblia diz que os Apóstolos “ordenaram” presbíteros em cada Igreja (Atos 14:23). Mas o que este termo realmente significa? W. E. Vine, em seu Dicionário Expositor das Palavras do Novo Testamento, diz o seguinte: “não se trata de uma ordenação eclesiástica formal, mas a escolha, para o reconhecimento das Igrejas, daqueles que já tinham sido

levantados e qualificados pelo Santo Espírito e dado evidência disso em suas vidas e em suas obras." Você vê que os Apóstolos não estavam arbitrariamente selecionando homens que preenchessem certas qualificações ou que, talvez, estivessem mais desejosos de prosseguir com a programação deles ou que, possivelmente, tivessem muito dinheiro ou influência na comunidade. Ao contrário, com olhos espirituais, eles estavam indicando, para benefício daqueles que não podiam ver tão claramente, aqueles que Deus havia selecionado e preparado para usar como Seus vasos.

Um dano incalculável tem sido causado ao povo de Deus por meio da má interpretação deste princípio. Muito frequentemente, homens são indicados por outros homens para uma "posição" com o pensamento que algum tipo de autoridade é necessário na Igreja. Tremendo prejuízo e perda tem sido experimentados pelo povo de Deus através dessa prática. Quando nós estabelecemos na Igreja de Deus a autoridade delegada, terrena, nós estamos oferecendo uma substituição para a verdadeira. Quando nós elegemos ou indicamos homens de acordo com a razão ou a percepção humana, nós estabelecemos uma variedade de autoridade que é estranha ao plano de Deus e que será só um impedimento para Sua perfeita vontade.

A razão para isto é que, não importa o quão fiel às Escrituras isto seja, a autoridade hierárquica nunca pode produzir resultados espirituais. Nada que se origine no nível terreno pode chegar aos desígnios de Deus. A Bíblia é bem clara: "A carne para nada aproveita" (João 6:63). A autoridade humana nunca pode transmitir o poder necessário para transformar vidas humanas. Ela não pode atingir o interior de uma pessoa e tocar em seu coração. O melhor que toda autoridade delegada pode produzir é um tipo de arranjo terreno que se aproxima do trabalho do Espírito. Isto não apenas não efetua algo de valor eterno, mas rouba aos crentes a oportunidade de experimentar a realidade de Cristo.

Por favor, não compreendam mal isto: esforços humanos movidos pela autoridade natural podem ser capazes de realizar coisas notáveis no mundo religioso. Campanhas de "reavivamento," acionamento de membros, levantamento de fundos e projetos de construção, podem todos ser executados por forte liderança humana. Mas, lembremo-nos que "sucesso" não é a medida para nossas realizações espirituais. Não

importa quão grandiosos ou impressionantes nossos trabalhos possam parecer, se eles tiverem sido construídos com substâncias erradas – elementos terrenos em vez de sobrenaturais – eles serão destruídos no dia do julgamento.

HOMENS NATURAIS DESEJAM UM REI

Por alguma estranha razão, os Filhos de Deus frequentemente não estão satisfeitos com o plano de Deus. Muitos têm um desejo diferente em seus corações. Eles desejam uma autoridade humana, palpável. Eles anseiam por alguém que possam ver, ouvir e sentir. Sentem-se muito mais confortáveis com algo natural. Saibam eles ou não, o que procuram é um tipo de rei, assim como os Filhos de Israel fizeram tantos anos atrás.

Sentindo-se insatisfeitos com sua autoridade espiritual, eles vieram a Samuel e insistiram para que ele estabelecesse um rei terreno para eles (1^a. Sam. 8:5-20).

Talvez possamos identificar algumas razões para este desejo enigmático.

Antes de mais nada, ter um rei iria desobrigá-los da responsabilidade pessoal de procurar Deus por eles mesmos. Agora seu “líder” poderia fazer isso por eles. Além disso, ele poderia arcar com toda a responsabilidade, cuidar de todos os problemas, decidir sobre todas as direções que eles deveriam tomar e lutar as batalhas deles. Tudo o que eles precisariam fazer seria sentar e aproveitar a jornada.

Quando Samuel ouviu este pedido, ficou muito irado. Ele sabia quais eram as intenções de Deus e compreendia que Deus o estava usando para transmitir liderança Divina ao povo. Samuel se afligiu porque a nação que Deus havia escolhido como Sua, iria para o caminho errado. Entretanto, o Senhor lembrou-o que ele não tinha sido o único a ser rejeitado. O povo não estava abandonando um homem, mas estava recusando a soberania de Deus em suas vidas (1^a. Sam. 8:7-8).

É uma evidência do grande amor de Deus pelos homens e de Sua graça abundante, o fato Dele não ter desamparado os Israelitas, mesmo quando eles O estavam abandonando. Ele os deixou seguir seu próprio caminho, mas primeiro explicou-lhes que o seu pedido seria ruim para eles. A autoridade humana, terrena, iria ferí-los de três maneiras : 1) Iria tirar

deles seus filhos e filhas, 2) Iria requerer uma porção de suas propriedades e, 3) Iria trazê-los a uma escravidão da qual Deus não os libertaria (2ª.. Samuel 8:9-18). Ele permitiu que eles seguissem seu próprio caminho porque percebeu que seus corações já O haviam abandonado.

Mas está bem claro que este não era o Seu desejo.

UMA MENSAGEM PARA HOJE

Vamos nos dar conta de que todos estes exemplos do Velho Testamento não são apenas histórias interessantes. Na verdade eles foram registrados com uma intenção específica: para que pudéssemos perceber neles verdades espirituais. Assim como era naquela época, hoje também nós temos escolhas a fazer no que se refere à autoridade. Claro que, como habitantes desse mundo, nós devemos nos submeter às autoridades terrenas (1ª. Pedro 2:13). Com referência à nossa interação com o mundo, está bem claro que a autoridade delegada se aplica a nós. Mas, com respeito à nossa participação na Igreja, essas duas variações de liderança estão também presentes—autoridade humana e autoridade espiritual. Um tipo de autoridade é estabelecido pelo homem e fortalecido por todos os sustentáculos comuns como títulos, posições e vestimentas. O outro tipo é estabelecido por Deus e é confirmado pelo Seu Espírito. No corpo de Cristo nós temos uma escolha. Por um lado, podemos aprender a reconhecer a autoridade de Deus e a nos submeter a ela, quando Ele nos fala pessoalmente ou quando Sua vontade está sendo transmitida através de Seus vasos escolhidos. Por outro lado, podemos nos sujeitar a algum tipo de autoridade humana, delegada, que é estabelecida e reconhecida pelo homem. Temos diante de nós os dois caminhos o terreno e o celestial.

É verdade que Deus permitiu a Seu povo seguir seu próprio caminho e indicou um rei para ele. Mesmo que Ele não quisesse isto, Ele continuou a trabalhar tanto quanto possível através deste sistema errado para trazer Seu povo a uma intimidade com Ele. Da mesma forma hoje Ele tolera nosso comportamento desobediente quando estabelecemos para nós mesmos uma autoridade terrena na Sua Igreja. Em Sua abundante misericórdia e graça, Ele trabalha mesmo em meio a nossos “sistemas reais” o tanto quanto Ele pode, para cumprir Seus propósitos. Mas esta

não é a Sua perfeita vontade e isto nunca pode realizar Seus mais sublimes desejos. Em vez disso, a Bíblia deixa bem claro que estabelecer tal autoridade é uma rejeição da Sua própria e um grave erro.

As três conseqüências deste erro que Samuel tão claramente predisse, são as seguintes :

1) Rouba às pessoas os seus frutos espirituais (filhos e filhas). A autoridade humana paralisa o corpo de Cristo pela colocação de suas próprias orientações e planos no lugar do Espírito Santo. Embora esta autoridade possa ser bem intencionada e possa mesmo ter muitos programas, tais como "metas evangelísticas," o poder tremendo do Evangelho é diminuído quando a substituição for feita. Um resultado desfavorável é que os cristãos tendem naturalmente a olhar para a autoridade humana em busca de direção e aprovação, em vez de estar sendo continuamente dirigidos por sua verdadeira Cabeça.

Conseqüentemente, aqueles que estão sob este tipo de autoridade hesitam em iniciar algo por eles mesmos, com receio de que isto seja visto como um desafio à posição do líder. Com o passar do tempo, tornam-se incapazes de serem dirigidos pelo Espírito Santo. Isto rouba poder espiritual dos cristãos. Conforme a intimidade real com a verdadeira Autoridade é substituída por algo humano e fraco, o fruto que produz em cada faceta da vida espiritual é constricto.

2) A autoridade humana demanda o dinheiro das pessoas (suas posses).

Está fora de questão que a importância de qualquer posição terrena é julgada pela sua esfera de influência e por sua extravagância. Quanto mais pessoas um líder tem sob sua autoridade, mais importante ele é.

Quanto maior o território que ele governa, maior prestígio ele tem.

Usualmente, acompanhando esta elevação perante os olhos humanos, estão roupas extravagantes, meios de transporte mais caros e moradias mais luxuosas. Na Igreja de hoje não é diferente. Quase invariavelmente, conforme cresce a influência de um líder, cresce também o desejo dele de conseguir lugares de encontro que sejam maiores e mais impressionantes,

um guarda-roupa mais condizente com sua posição e, em geral, um aumento de salário. Isto inevitavelmente custa dinheiro e este dinheiro vem daqueles que se colocaram sob a influência desta autoridade terrena.

Pare um momento e compare isto com o exemplo de Nosso Senhor Jesus Cristo. Ele não tinha lugar para apoiar Sua cabeça e, provavelmente, também não tinha uma muda de roupas. Ele nunca construiu palácios ou templos. Constantemente recusava qualquer posição de autoridade terrena. Seu pagamento era o que o Pai movia os outros a lhe darem.

Como fica o que estamos fazendo, comparando com isto?

É verdade que as Escrituras nos exortam a dar nosso dinheiro para o obra e para os obreiros de Deus. Mas, se usarmos nossas rendas para sustentar autoridades e esforços simplesmente humanos, não seremos recompensados. Quando o fogo de Deus descer, tudo que tiver sido construído de materiais naturais (madeira, feno e palha) será consumido e nosso dinheiro tão dificilmente ganho desaparecerá com eles na fumaça.

Por outro lado, se formos cuidadosos para investir nosso dinheiro em coisas que são verdadeiramente espirituais, nosso investimento produzirá frutos para a eternidade. Quando nós usamos nossas finanças para sustentar trabalhos e líderes verdadeiramente espirituais, jamais perderemos nossa recompensa.

3) A autoridade não espiritual leva o povo de Deus a ser escravo da vontade humana, usando seu tempo, energia e talentos para construir uma organização terrena em vez de um corpo espiritual. A autoridade natural, com todos os seus planos e programas, necessita de pessoas para fazer o trabalho. Então, quando você se coloca sob tal autoridade, você passa a permitir que a usem como um instrumento para tais empenhos.

Além disso, na mesma proporção que você se submete a ter sua vida governada por autoridade humana, você exclui a autoridade do Espírito. Você não pode servir a dois senhores. É inevitável que surgirá um conflito entre os dois. Seu Mestre Celestial deseja dirigir cada aspecto de sua existência e qualquer outra autoridade só irá ser competitiva e frustrante. Quando você escolhe a maneira terrena, como os Israelitas fizeram, você se torna um escravo da vontade e dos caprichos humanos, em vez de experimentar a verdadeira liberdade da submissão a Deus.

Esta é uma escravidão da qual Deus não vai nos libertar (1ª. Samuel 8:18). Deus nunca violará nossa vontade. Quando escolhemos algo, Ele não irá nos forçar a mudar de decisão. Ele pode trabalhar de muitas maneiras diferentes para nos fazer ver nosso erro. Nós podemos descobrir nossa percepção de Sua presença em nossa vida abatida. Podemos começar a

achar que problemas que pareciam pequenos quando estávamos caminhando em intimidade com Jesus, agora parecem insuperáveis. Ele pode mesmo permitir que nos tornemos miseráveis no caminho que escolhemos. Mas, quando nós voluntariamente nos sujeitamos à autoridade humana, Ele não nos livrará dela. Nossa única alternativa é reverter a escolha. Devemos exercitar nossa própria vontade e escolher nos afastar de qualquer autoridade na Igreja que seja uma substituição de Sua própria autoridade.

Isto pode ser uma surpresa para muitas pessoas mas é, apesar disso, verdade. Quando nós nos submetemos à autoridade terrena, nós realmente nos colocamos debaixo de uma maldição. A Escritura diz: “Maldito é o homem que confia no homem e faz da carne a sua força, cujo coração se aparta do Senhor. Porque ele será como o arbusto solitário no deserto e não verá quando Lhe vier o bem; antes morará nos lugares secos do deserto, na terra salgada e inabitável” (Jeremias 17:5 e 6). Note que confiar no homem e afastar-se de Deus estão ligados. Quando você olha para seres humanos, você não pode evitar de tirar os olhos de Deus. Um outro verso nos adverte : “Não confieis em príncipes, nem nos filhos dos homens, em quem não há salvação. Sai-lhes o espírito e eles tornam ao pó; nesse mesmo dia perecem todos os seus desígnios.” E continua : “Bem aventurado aquele que tem o Deus de Jacó por seu auxílio, cuja esperança está no Senhor Seu Deus (Salmo 146:3-5).

Pela discussão precedente, deve estar evidente que há dois tipos básicos de autoridade no mundo hoje. Há o tipo superficial, terreno, chamado “autoridade delegada,” que Deus usa para exercer algum controle sobre aqueles que não o conhecem e nem o seguem. E há a “autoridade espiritual,” transmitida, que sempre foi a escolhida por Deus para governar Seu povo. Uma é para o mundo, a outra é para o que hoje é chamada Sua Igreja. Uma funciona, de certa forma, independente de Deus, enquanto que a outra, não. De fato, nem sequer pode funcionar, a não ser que Deus esteja falando ou se movendo.

TEMOS QUE ESCOLHER

Hoje, na Igreja de Cristo, estes dois tipos de autoridade estão sendo exercidos. Portanto, como membros da Igreja, cada um de nós é confrontado com uma escolha importante. Se nós nos submetemos ao tipo humano, hierárquico, esta autoridade impedirá e eventualmente substituirá o tipo espiritual. Se, pelo contrário, nós nos rendemos á autoridade celestial, esta irá inevitavelmente entrar em conflito com a terrena. Como já vimos, esta decisão é extremamente importante. De fato, é crucial. Se escolhermos caminhar pelo caminho amplo e fácil, sem dúvida encontraremos muita companhia e poderemos mesmo gozar de um bom grau de popularidade, mas os efeitos sobre os quais Deus tão claramente nos advertiu, virão sobre nós. Se, por outro lado, escolhermos o caminho mais difícil e mais estreito, sem dúvida haverá tempos em que nos encontraremos sozinhos e, querendo ou não, estaremos enredados no conflito entre estes dois tipos de autoridade.

Os primeiros apóstolos e, de fato, a próprio Jesus, encontram-se neste tipo de situação. Embora não a tivessem procurado, eles encontraram oposição contínua daqueles que ocupavam “posições” na organização religiosa estabelecida em seus dias. As autoridades tradicionais viram uma coisa muito claramente: se eles permitissem que esta manifestação da autoridade espiritual seguisse incontrolada, ela eventualmente substituiria a sua própria. De algum modo, eles foram capazes de reconhecer que ela era, em essência, um tipo superior de autoridade que estava destinada a suplantar seu tipo inferior, humano. Seus corações não estavam em sintonia como coração de Deus e, então, eles lutaram para manter o seu “lugar”, do qual eles tanto gostavam (João 11:48). No processo eles fizeram tudo o que podiam para suprimir a autoridade mais alta. Finalmente, quando já haviam exaurido todas as outras opções, eles se reuniram para matar os representantes de Deus. Como é fácil para nós querer evitar aborrecimentos!

Certamente a nossa tendência natural é simplesmente prosseguir com o “status quo” e “ser como qualquer outro” (2ª. Samuel 8:5). Todavia não estamos em nenhuma posição diferente de nossos antecessores ou de Nosso Senhor. Se nós queremos verdadeiramente seguir a Jesus, Seus conflitos se tornarão nossos. Então, de novo, teremos essas duas escolhas.

Nós podemos preservar nossa paz e felicidade pessoal ou prepara-nos para compartilhar dos sofrimentos de Cristo. Nós podemos submeter-nos ao homem ou humilharmo-nos sob a mão poderosa de Deus (2ª. Pedro 5:6).

Infelizmente, a escolha diante de nós não é sempre entre o preto e o branco. Na Igreja hoje há, frequentemente, uma mistura destes dois tipos de autoridade. Alguns homens que possuem certa dose de autoridade espiritual, têm permitido que outros homens os coloquem em posições terrenas. Outros, possivelmente, terão mesmo buscado essas posições por si mesmos. Isto, então, coloca estes líderes em uma situação na qual eles podem exercer, e provavelmente exercem, ambos os tipos de autoridade. Muitas vezes estes próprios líderes são incapazes de distinguir entre estes dois tipos de autoridade. Eles não foram ensinados ou não são maduros o suficiente para compreender as implicações de exercer cada tipo.

Portanto, cabe a cada indivíduo saber, de acordo com a revelação do Espírito Santo, a que direções e liderança ele (ou ela) deverá se submeter e quais deverão ser recusadas.

Nesta decisão extremamente importante, temos que ser muito cuidadosos. Há dois modos pelos quais podemos nos enganar seriamente. Por um lado, a rebelião carnal contra a autoridade terrena não agrada a Deus. Quando nós discernimos que a autoridade natural está sendo substituída pela de Deus na Igreja, se a nossa reação a isso não for caracterizada por brandura, humildade e amor, ela não é a resposta do Espírito. Quando manifestamos ódio ou ira, isso não realiza o trabalho de Deus. Nós não podemos permitir que nossa carne reaja ao que vemos, mas sim que seja dirigida em todos os aspectos pela Suprema Autoridade. Em geral, Sua resposta enquanto estava na Terra era não confrontar e condenar, mas seguir no verdadeiro trabalho de Deus. Não somos chamados a uma rebelião aberta contra qualquer autoridade hierárquica, mas tão somente a nos submeter à vontade superior.

Por outro lado, nós não queremos, e de fato não podemos, perder a direção sobrenatural de Deus, especialmente quando essa direção vem através de outros vasos humanos. Não podemos simplesmente rejeitar toda e qualquer autoridade que seja expressa através dos homens. É essencial que nós nos humilhemos nesse assunto diante de nosso Criador e que estejamos certos que estamos desejando obedecer á Sua voz, onde

quer que ela seja ouvida. Precisamos estar desejosos de segui-Lo no que quer que seja que ele diga. Se nós não temos esta atitude de coração, iremos acabar certamente rejeitando não apenas a autoridade humana, mas de fato toda autoridade. Nossa condição será de rebeldes independentes que têm pouca serventia para Deus. A verdade é que, se nós não podemos nos submeter ao Senhor quando Ele fala através de nossos irmãos e irmãs, realmente não estamos submissos a Ele.

A questão óbvia que surge de toda essa discussão é : “Como podemos saber a diferença entre a autoridade que é espiritual e aquela que é da terra?” A resposta é muito simples, mas não é fácil. Além da revelação do Santo Espírito, não há maneira de saber. O homem natural não é capaz de diferenciar as duas. Só aqueles que têm visão espiritual poderão saber o que vem de Deus e o que não vem. É algo que precisa ser discernido.

Portanto, é essencial que cada filho de Deus cultive uma intimidade com Ele. Cada um de nós é responsável por desenvolver e manter um relacionamento espiritual com Nosso Senhor. Ninguém mais irá fazer isso por nós. Não podemos crer que algum tipo de “rei” vá se encarregar das responsabilidades. Assim como foi com o povo de Israel, hoje também o desejo de Deus continua o mesmo. Em Seu coração Ele anseia que nós permitamos ser levados a um profundo relacionamento com Ele. Deste modo, repousando no colo de Jesus como o João (João 13:23), nós chegaremos a compreender tudo o que Ele julga necessário que saibamos.

2. A REBELHÃO DE CORÉ

Muitos anos atrás, quando os filhos de Israel estavam acampados no deserto, levantou-se uma discussão entre eles sobre quem deveria exercer a autoridade. O homem Moisés e seu irmão Arão vinham liderando o povo de Deus até aquela ocasião. Eles tinham vindo ao Egito, falado a Palavra de Deus para os israelitas e para o faraó e, eventualmente, conduzido o povo de Deus para fora de sua escravidão em direção ao seu destino divinamente escolhido. Este foi um tempo maravilhoso na história do povo de Deus, durante o qual o poder de Deus e sua vitória sobre as forças do mal foram dramaticamente demonstradas.

Entretanto, com o passar do tempo, alguns dos outros homens da congregação se desiludiram com o exercício de autoridade de Moisés e de Arão. Esses outros homens (mais de 250 deles) também eram líderes na congregação e bem conhecidos entre as pessoas (Num 16:2). Eles começaram a imaginar porque Moisés e Arão estavam se colocando como “autoridades” e “exaltando-se a si próprios” acima de todos os demais (Num 16:3). Seu raciocínio era algo assim: “Somos todos crentes aqui. Deus está entre nós todos. Qualquer um na congregação é tão santo quanto qualquer outro. Aos olhos de Deus somos todos iguais. Quem esses dois pensam que eles são? Nossa compreensão da vontade de Deus é tão válida quanto a deles. Por que deveríamos segui-los?”

Hoje este tipo de raciocínio é fácil de entender. É perfeitamente natural para nós pensar desta maneira quando somos continuamente confrontados com a autoridade espiritual. No início, quando alguém surge com uma palavra do Senhor e manifesta uma unção espiritual, é fácil se impressionar e prestar atenção ao que eles dizem. Mas, depois de algum tempo, quando você conhece a pessoa e percebe algo sobre suas falhas humanas e fraquezas— quando a primeira aura de impressão espiritual se foi—é então que este tipo de pensamentos começa a ocorrer.

Não é difícil para nós simpatizar com estes e com as razões pelas quais eles pensam desta maneira. Moisés tinha prometido trazê-los para uma terra que tem bastante leite e mel, mas em volta deles estendia-se apenas deserto. Ele lhes havia dito que Deus desejava abençoá-los abundantemente, mas até mesmo o Egito tinha sido mais confortável que isto. Eles tinham olhos em suas faces. Podiam ver que não estavam tomando o rumo mais direto para o seu destino. E este Moisés estava mantendo as coisas em família, indicando seus parentes para o sacerdócio. Só um tolo continuaria a ser dirigido por estes dois pela ponta do nariz, sem expressar um pouco a sua própria opinião. Moisés pretendia mantê-los todos cegos para que ele e seu irmão pudessem continuar a manter todas as posições de autoridade (Num 16:14).

Conforme vamos lendo, descobrimos que a reação de Deus a este processo de pensamento foi extremamente severa – de fato, tão chocantemente severa, que muitos das pessoas foram amedrontados por ela e se iraram. Aqueles que não responderam à intimação de Moisés para a Tenda dos Encontros foram engolidos vivos pela terra. Aconteceu

uma coisa nova e estes homens, com suas famílias inteiras, caíram no abismo. (Num 16:30-33). A seguir, desceu fogo do céu e consumiu os 250 remanescentes. Então, como se este julgamento mais devastador e terrível sobre o povo de Deus não fosse suficiente, uma praga irrompeu sobre aqueles que se ofenderam com o que aconteceu e matou mais 14.700! Na verdade, foi só pela intervenção de Moisés e Arão que a congregação inteira não foi destruída num segundo. Que calamidade de proporções inimagináveis tinha acontecido àqueles a quem Deus havia escolhido para serem Dele.

Vamos parar um momento e considerar este evento cuidadosamente. Isto não é simplesmente uma sabatina de história antiga. O Novo Testamento explica claramente que estas coisas foram escritas para o nosso benefício (1ª. Cor 10:11). Esta é realmente uma mensagem para a Igreja de hoje, que Deus está ansioso para ouvirmos. Esta é uma palavra séria, corretiva, de instrução que está em Seu coração. Que Ele tenha misericórdia de nós para que possamos ser capazes de recebê-la como tal.

A VERDADEIRA AUTORIDADE ESPIRITUAL

Certamente a maioria dos leitores já percebeu que a verdadeira questão aqui não é um argumento sobre personalidades ou opiniões. Não é uma análise de quem teve as melhores idéias ou conselhos. É a questão da autoridade espiritual. Era uma discussão sobre quem estava qualificado para liderar o povo de Deus de acordo com a Sua vontade. Desde que está evidente que este assunto é tão importante e que Deus foi a graus tão extremos para demonstrar-nos sua seriedade, parece bom gastar um pouco de tempo aqui e examinar a necessidade de reconhecer a genuína autoridade espiritual e qual deve ser nossa resposta a ela.

No primeiro artigo desta série sobre autoridade espiritual, nós descobrimos que há duas variedades de autoridade no mundo hoje. Um tipo é a autoridade terrena, chamada autoridade “delegada,” que Deus instituiu para manter o mal deste mundo sob controle. Esta autoridade é exercida por aqueles que detêm títulos e posições em nossas sociedade, tais como policiais, oficiais do governo, juízes, etc. O outro tipo de autoridade é o “espiritual”, que nós chamamos autoridade “transmitida.”

Aqueles que manifestam esta tipo de autoridade são simplesmente canais através dos quais a autoridade de Deus flui diretamente. Estes são vasos autorizados através dos quais Deus escolheu transmitir Sua vontade.

Quando tal autoridade é exercida, é uma revelação do próprio Deus.

Como vimos anteriormente, Moisés era um tal vaso da autoridade divina. Ele era um homem que foi usado por Deus para manifestar Seus próprios planos e propósitos de uma maneira assombrosa. Muito poucos homens na história do mundo manifestaram tamanha liderança e poder espiritual.

Nós sabemos que Moisés não estava instituindo suas próprias idéias e opiniões. Ele não estava liderando o povo de Deus de acordo com sua própria sabedoria e direção. Ele era simplesmente um instrumento sendo usado por Deus para transmitir Sua vontade ao Seu povo. Ele era um canal através do qual Deus falava clara e diretamente.

Talvez esta compreensão ajude a explicar a severidade da reação de Deus ao desafio de Coré e seus companheiros. Eles pensavam que estavam em desacordo com um homem. Imaginavam que estavam tratando com algum tipo de autoridade delegada, terrena. Ao contrário, descobriram que estavam se opondo ao próprio Deus. Embora a autoridade de Deus estivesse sido manifestada através de em vaso humano, isto não diminui o fato de que era realmente ELE! Moisés tentou salvá-los de seu erro e explicou-lhes o fato, dizendo:

“Portanto você e seus companheiros estão reunidos contra o Senhor” (Num 16:11), mas eles se recusaram a ouvir. Conseqüentemente, sofreram o mais espantoso e veloz julgamento do próprio Deus. Sem o imaginar, haviam desafiado a Ele diretamente e Ele estava pronto para responder.

DEUS TAMBÉM ESTÁ FALANDO HOJE

Hoje Deus também está falando através de homens. E quando Ele fala através deles, é sua voz que é ouvida. É Sua autoridade que está sendo transmitida. Isto é uma coisa que todo crente precisa observar muito seriamente. É muito mais fácil para nós ver com os olhos naturais e reagir exatamente como Coré fez, perdendo inteiramente a Fonte da mensagem que está sendo dada. Quantas vezes nós nos desculpamos por não ouvir nosso irmão porque nossa compreensão ou visão não era a mesma dele?

Quão frequentemente nos rebelamos contra Deus porque Ele estava usando um instrumento que nós não reconhecíamos? A rebelião de nossa carne hoje não é diferente destes exemplos no Velho Testamento. Além disso, quando nos rebelamos, nós sofreremos as conseqüências.

É um fato comum que a humanidade tenha sérias dificuldades em reconhecer e submeter-se à autoridade. Esta deficiência é um resultado direto da queda do homem e da subversão da natureza humana. Quer gostemos de admiti-lo ou não, uma rebelião profundamente assentada permanece no coração de cada um de nós. Rebelião – desobedecer o mandamento de Deus – foi o que destruiu Adão e Eva. E é esta mesma rebelião dentro de nossos corações que nos impede de ouvir Sua voz quando Ele nos fala individualmente ou por meio de outros. Esta recusa em ouvir Sua voz está destruindo muito mais do que uns poucos crentes no nosso mundo atual.

Um dos propósitos primários de Deus em sua obra dentro de nossos corações é subjugar a rebelião. Deus deseja estabelecer Seu reino, Sua autoridade em nossas vidas. Esta experiência libertadora se torna nossa, conforme nos submetemos à autoridade divina. A expressão de Sua autoridade, a manifestação de Sua vontade para nossas vidas vêm a nos por muitas maneiras diferentes. Deus nos fala através de Sua Palavra. Ele revela-se a nós em nosso espírito. Ele pode mesmo usar várias circunstâncias para nos dirigir. Mas não importa o modo como Sua autoridade é exibida, o importante para nós é reconhecê-Lo como a Fonte. Quando falhamos em ouvi-Lo falar ou em responder obedientemente, certamente sofreremos perda em nossa experiência cristã.

A EXPERIÊNCIA “DO CORPO”

Um modo importante pelo qual Deus nos mostra Sua vontade é através de outros cristãos. Quando nascemos de novo, somos colocados por Jesus em Seu corpo. Pelos desígnios sobrenaturais de Deus, Ele não nos fez completos e independentes. Ao invés, Seu padrão é que cada membro de Seu corpo tenha determinados dons e funções específicas. Ele determinou uma grande diversidade em Seu corpo, a qual deseja que resulte em uma grande interdependência. Nenhuma pessoa “tem tudo” mas cada uma

deve desejar receber a ministração de outros para ser completa. Desse modo, cada um tem algo para ministrar e cada um é, até certo ponto, dependente dos outros para coisas que eles não possuem.

Isto é especialmente verdadeiro na área de conhecer a vontade de Deus e ser sensível à Sua autoridade. Conforme cada indivíduo cresce espiritualmente na esfera de seu ministério designado, a autoridade de Deus começa a fluir através deles nesta área. Quanto mais eles crescem em obediência ao Espírito, mais Deus pode usá-los para manifestar Sua vontade. Conseqüentemente, cada um começa a ter uma compreensão única da vontade de Deus. Assim, quando estamos abertos para o falar de Deus conosco através de outros, Ele pode ministrar-Se a nós de muitas e extraordinárias maneiras.

Provavelmente a maioria dos cristãos gosta de imaginar que são sensíveis ao falar do Espírito Santo dentro deles. Na prática, entretanto, a maioria de nós está longe deste ideal. Dentro do coração de virtualmente todo crente ainda permanecem áreas de trevas e rebelião. Estas são as áreas não transformadas, nas quais Deus ainda está tentando trabalhar. Desde que nós somos frequentemente cegos para o fato de que tais áreas existem, é muito difícil para o Senhor falar diretamente a nós sobre estes problemas. Portanto, Ele frequentemente tenta usar outros crentes para falar conosco. Ele dará a necessária compreensão e revelação sobre nossas próprias vidas - coisas que não seríamos capazes de receber sozinhos - a outros e os usará para nos ministrar. Se, quando isso ocorre, podemos reconhecer a voz de Deus falando através de nossos irmãos e irmãs, seremos abençoados. Se nos recusamos a responder à autoridade de Deus, iremos deixar escapar aquilo que Ele havia planejado para nós. Como vivemos e nos movemos no corpo de Cristo, precisamos aprender a reconhecer uns aos outros e interagir espiritualmente. Para fazer isso é essencial que paremos de nos conhecer de acordo com a carne (2ª. Cor 5:16). Isto quer dizer que não devemos julgar os outros de acordo com o que percebemos pelos nossos sentidos físicos ou percepções mentais. Nunca devemos focalizar seus traços peculiares de personalidade, suas falhas, forças ou fraquezas. Ao contrário, precisamos aprender a discernir espiritualmente o Espírito do Senhor nos outros e reconhecer os dons especializados e ministérios que Ele lhes tenha dado. Precisamos vê-los através dos olhos de Deus. conforme nós reconhecemos os ministérios

espirituais de nossos irmãos e irmãs, Deus pode começar a usá-los para ministrar-Se em nossas vidas. Sua autoridade irá fluir e nos tocar de maneira nunca esperada. Esta é uma experiência cristã essencial. É deste modo, através da cooperação de cada parte (Ef 4:16), que o corpo é edificado como Jesus deseja.

É precisamente por esta razão que somos ensinados a nos submeter uns aos outros no temor de Deus (Ef 5:21d). Quando nos relacionamos com outros crentes que estão seguindo o Senhor, não estamos apenas tocando seres humanos. A Igreja, a Bíblia insiste, é a verdadeira morada do Espírito Santo! Quando estamos experimentando relações espirituais vivas com outros, não é apenas com eles que estamos em contato. É o próprio Deus. Este fato deveria causar um profundo impacto em nós. Esta consideração deveria nos elevar um pouco e nos fazer reexaminar nossa atitude e relações com outros cristãos. Como todos nós precisamos de uma grande dose do temor de Senhor introduzido em nossa experiência de Igreja!

A EXPERIÊNCIA “DA NOIVA”

Estivemos falando sobre nossas vidas individuais, mas estas mesmas verdades também se aplicam ao corpo de Cristo como um todo. Deus não apenas quer nos dirigir individualmente, mas Ele deseja grandemente que Sua Igreja se mova unida ao Seu comando. A Bíblia nos ensina que Jesus é o cabeça do corpo, a Igreja (Col 1:18). Lemos que Ele deve ter completa autoridade sobre todas as coisas. É Sua intenção controlar cada aspecto do movimento dela. A Igreja deve comportar-se como uma mulher incorporada respondendo a cada inclinação de Sua cabeça celestial, assim como uma esposa responde a seu marido. Que coisa gloriosa quando a Igreja se move junta na direção em que Deus a está dirigindo! Que vista bonita é a noiva de Cristo respondendo unida ao seu Bem-amado.

Esta é uma doutrina maravilhosa. Inspira meditação em nosso tempo em particular com o Senhor. Mas como esta autoridade vai ser manifestada? Eu suponho que é teoricamente possível para o Senhor mover Seu corpo dando simultaneamente a cada membro a mesma instrução. Na prática,

entretanto, parece que Deus usa líderes-homens e mulheres que Ele preparou – para receber e transmitir Sua vontade. Essa sublime possibilidade para a Igreja mover como uma só, torna-se uma bênção genuína quando ouvimos Sua voz através estes líderes e obedecemos. Assim, todos os Seus santos propósitos se cumprirão em nós, através de nós e ao nosso redor. A profetiza Débora teve uma visão que a inspirou a dançar enquanto cantava: “Os líderes tomaram a frente em Israel” e “as pessoas se ofereciam voluntariamente. Bendizei ao Senhor.” (Juizes 5:2).

Aprendemos nas Escrituras que há na Igreja ministros especializados que são designados por Deus especialmente para a liderança do grupo todo.

Os apóstolos, aqueles homens aos quais Deus havia confiado a visão completa de Sua morada; os profetas, aqueles através dos quais Deus expressa os desejos de Seu coração para os Seus e, em geral, qualquer indivíduo qualificado que Ele possa usar para manifestar Sua vontade ao Seu corpo; todos estes podiam ser categorizados como “líderes”. Muito frequentemente são estes líderes que o cabeça usará para apontar Suas direções e planos para os demais.

QUAL É NOSSA RESPOSTA?

Mas, quando tais pessoas falam, qual é a nossa resposta? (Por favor, lembre-se que não estou me referindo aqui ao exercício de autoridade posicional e humana na Igreja, mas à verdadeira autoridade espiritual transmitida). Somos capazes de discernir a voz de Deus ou nós obstinadamente a recusamos? Somos submissos ou pensamos algo como: “Não concordo com aquilo. Não é algo de minha responsabilidade. Quem aquela pessoa pensa que é, tentando nos dizer o que fazer?” Ou mesmo: “Eu não ouvi Deus falar nada daquilo comigo.” Na realidade, você ouviu Deus “sobre aquilo”. Ele falou com você pessoalmente – através de seu irmão.

Nem todos são chamados por Deus para serem líderes. Na verdade, a maioria não é. Conseqüentemente, é imprescindível que a maioria se submeta à voz de Deus falando através de Seus líderes. Desta forma, aqueles que não têm este dom, encontrarão direção e satisfação. Eles serão direcionados para à vontade do Senhor simplesmente por seguir o Senhor

em seus irmãos. Quando a expressão desta autoridade é genuína, um tremendo poder e fertilidade serão mostrados conforme a Igreja se move de acordo com a direção do cabeça. Deste modo, uma gloriosa expressão do reino de Deus se manifestará na Terra.

De modo inverso, já que Deus não está sempre falando diretamente a cada indivíduo, se recusamos a Sua fala através dos vasos escolhidos, experimentaremos uma grande perda de propósito e direção. Tal rebelião provoca confusão. Pobreza espiritual e perda do poder sobrenatural resultam quando se faz o “que é direito aos seus próprios olhos” (Deut 12:8). A redução do fruto espiritual, seja nas vidas individuais ou no aumento de novos crentes se manifestará rapidamente. Quando não estamos dispostos a ouvir aqueles através dos quais Deus está falando, perdemos Sua liderança e somos deixados apenas com nossas idéias e opiniões. Essas opiniões contrárias—aquelas que se levantam para se opor à maneira de Deus—irão naturalmente competir pela aceitação dos crentes. Assim, sem a liderança divina, a Igreja se torna paralisada e dividida.

A reação adequada que deveríamos ter quando algum devoto alega ter uma palavra do Senhor para a Igreja é examiná-la diante Dele humildemente e em oração. Quando o indivíduo que falou é conhecido como um vaso através do qual Deus sempre manifesta Sua vontade, isto deveria aumentar a nossa diligência em ter certeza que a nossa resposta é a correta. É bom lembrarmos aqui que, se não entendemos alguma coisa, isto não é motivo para rejeitá-la. Geralmente, não é fácil para nós compreendermos a visão associada com os ministérios dos outros membros. Nossa responsabilidade é levarmos estas coisas séria e honestamente a Deus em oração. Se o que ouvimos não veio Dele, nós não precisamos – e de fato não devemos—obedecer. Entretanto, tal decisão deve ser tomada com a máxima humildade, temor diante de Deus e cautela, para ter certeza que o nosso discernimento está correto. Lembre-se que a tendência geral de nossa carne é se inclinar para o lado da rebelião.

Não há dúvida que foi por esta razão que o Apóstolo Paulo exortou seus leitores a terem o cuidado de reconhecer aqueles que eram trabalhadores espirituais e que estavam manifestando a real autoridade espiritual (1^a. Tess 5:12). Este deve ser o tema que está por trás da admoestação em 1^a.

Cor 16:15,16, onde ele persuade os crentes a reconhecer e submeter-se àqueles que Deus estava usando. Outra e ainda outra vez no Novo Testamento este tema da submissão à autoridade espiritual é salientado. Por quê? Porque é tão fácil para a carne esquecê-la. É a tendência natural da natureza caída recusar a autoridade Divina manifesta através de outras pessoas.

UM GRANDE ERRO

É um grande erro pensar que aqueles que Deus está usando para expressar Sua autoridade serão facilmente reconhecidos pelo homem natural. A maioria dos profetas não era bastante impressionante para atrair muitos seguidores. Mesmo um homem como Moisés que estava acostumado a executar milagres espetaculares, continuamente tinha dificuldade com homens e mulheres que não podiam ver além da aparência superficial.

O próprio Senhor Jesus foi o máximo exemplo de autoridade espiritual. Entretanto, muitas das pessoas que o rodeavam e que não tinham visão espiritual eram incapazes de discernir Quem e O Quê Ele era. Sua própria família não o reconheceu. As pessoas de Sua cidade Natal não puderam receber Seu ministério. Mesmo os líderes da “Igreja” de Seu tempo, os que verdadeiramente deveriam tê-Lo abraçado, falharam em compreender a fonte de Sua autoridade (Mat 21:23). No final, os oficiais religiosos delegados se opuseram até a morte a esta manifestação da autoridade porque ela representava uma ameaça à sua posição e “lugar” (João 11:48).

O problema é que estes seres humanos que Deus usa são apenas isso – seres humanos. Quando Deus fala através deles, eles não criam asas, desenvolvem auréolas ou começam subitamente a andar sem tocar o chão. Eles simplesmente permanecem como eles são. No presente momento, parece que Deus tem muito poucos cristãos perfeitos para transmitir Sua vontade.

Conseqüentemente, Ele é obrigado a usar alguns que são, bem, vamos dizer que menos que completamente santificados. Eles ainda necessitam alimentar-se de comida, de dormir à noite e, infelizmente, de tempos em

tempos ainda vão manifestar a parte ainda não transformada de sua natureza. Assim mesmo, quando eles falam segundo o Espírito de Deus, ele são, durante aquele período, uma manifestação de Sua autoridade.

Talvez nossas idéias pré-concebidas algumas vezes nos façam errar. Talvez seja possível que nós idealizemos demais muitas figuras bíblicas a quem Deus usou no passado, e esperemos que nossos irmãos e irmãs sejam como imaginamos que eles sejam. Embora as Escrituras focalizem principalmente os tempos em que estavam unguídos pelo Espírito, não há dúvida que eles tinham momentos em que eram menos que perfeitos.

Conforme contemplamos estes homens e sua obra para Deus, é fácil supor que, se tivéssemos vivido naquela época, certamente os teríamos reconhecido como instrumentos do Altíssimo. Nós supomos que sua conduta, seu porte ou qualquer coisa sobre eles nos haveria certamente impressionado e nós nunca teríamos rejeitado seu testemunho, como tantos de nossos antepassados fizeram. Com certeza não estaríamos entre aqueles que “matavam os profetas” quando eles traziam uma palavra difícil de ser ouvida (Mat 23:31). Mas é evidente que a maioria do povo de Deus teve e ainda tem este problema. Nós falhamos em não olhar além da humanidade dos vasos e em ouvir Sua voz.

JULGAMENTO ESPIRITUAL

Nesta Terra, Deus está limitado a expressar-Se através de seres imperfeitos. Consequentemente, é muito fácil para a mente humana examinar a pessoa em vez da fonte da mensagem. É perfeitamente natural para alguns agir como Datã e Abirã e ver os outros só com os olhos da carne. Faltando visão espiritual, eles fazem seus julgamentos pelas aparências superficiais. Encontram alguma falha no vaso e perdem o conteúdo. Eles percebem alguma imperfeição real ou imaginária naquele através do qual Deus está liderando e então se liberam da obediência e submissão. Fazer isso é um engano trágico. Resultará em um julgamento espiritual sobre aqueles que o cometem. Isto não é porque eles se recusaram a ouvir a opinião de seus irmãos ou levar em conta as idéias de um outro. É porque eles recusaram a voz do próprio Deus manifestando Sua vontade através de Seu vaso escolhido.

Quando nós recusamos a voz de Deus falando através de outros, haverá julgamento. Rebelião contra nosso rei sempre traz conseqüências. No mínimo resulta em algum grau de trevas espirituais. Também produzirá nas partes afetadas um tipo de experiência de falta de direção, afastamento ou insatisfação, semelhante àquela dos que se recusaram a entrar na terra de Canaã. tais indivíduos tendem a ir a parte nenhuma espiritualmente e não executam nada para o Senhor. Eles não podem encontrar a paz do Senhor. Essas são as pessoas que estão sempre tendo problemas em se submeterem aos outros e então continuam a procurar uma direção pessoal e independente para suas vidas. O que não conseguem imaginar é que só poderão conseguir sua realização estando em submissão à liderança que Deus já está dando através de outros. Desde que seus dons e funções no corpo não são na área de liderança, é impossível para eles encontrar seu lugar sem permitir a direção de Deus através de outros.

Deus nunca muda. Sua atitude para com a rebelião hoje é a mesma que era nos tempos do Velho Testamento. Embora os julgamentos que os rebeldes dos dias de Moisés experimentaram possam não ser repetidos exatamente, eles certamente são um exemplo terreno dos efeitos espirituais que a nossa própria rebelião produz. Quando recusamos Deus falando sobre áreas que necessitam transformação, essas fraquezas permanecem intactas. Com o correr do tempo, os efeitos adversos destes problemas podem se tornar tão sérios que o “chão” espiritual se abre abaixo de nossos pés e nossos pecados nos engolem completamente. Muitos cristãos têm tido sua caminhada com o Senhor completamente destruída pela rebelião contra a Sua autoridade. Alguns até perderam suas vidas físicas.

CONSIDERAÇÃO FINAL

Isto nos traz à consideração final que é: o que podemos fazer para evitar este sério erro? Como podemos estar certos que estamos ouvindo a voz de Deus quando Ele fala através de nossos irmãos? A única resposta é que devemos estar verdadeiramente submissos a Deus. Em nossos corações, precisamos estar desejosos de ouvir Sua voz e de obedecer. Se realmente desejamos Sua vontade, podemos recebê-la, não importa que

instrumento Ele use para transmiti-la. Se verdadeiramente queremos obedecê-Lo e estabelecer um relacionamento de submissão a Ele, reconheceremos o Seu falar mesmo pelo mais humilde, menos considerado membro do corpo. Sua ovelha “ouvirá Sua voz” (João 10:27). Isto não é algo que nos acontece num instante, mas é uma experiência que se intensifica conforme aumenta o nosso relacionamento com o Senhor. Nossa crescente submissão a Deus é verdadeira evidência de crescimento espiritual e maturidade. Nossa disposição em ouvir Sua voz é um fator crucial.

Nesta época, Jesus não está forçando ninguém a obedecer a Sua vontade. Portanto, ouvir a calma voz de Deus e responder a ela requer um coração preparado para receber o que quer que seja que o Mestre esteja dizendo. Nenhuma quantidade de ensino pode substituir este tipo de disposição. Pressionar os crentes rebeldes a se “submeterem” aos líderes não terá um efeito real em seus problemas. Insistir em que os insubordinados se movam em determinada direção, mesmo que seja a certa, não pode produzir resultados espirituais. Tudo o que isto pode criar são hipócritas cujos corações não estão bem com o Senhor. Não há substituto real para cada crente verdadeiramente humilde diante de Deus, recusando os instintos rebeldes que surgem dentro deles e submetendo-se á mão poderosa de Deus (1^a. Pedro 5:6).

A grande necessidade desta hora é permitir que Jesus estabeleça Seu reino em nossos corações. Em um breve dia Sua autoridade será estabelecida fisicamente no planeta. Mas, como uma preparação para este evento determinado, é necessário que Ele estabeleça Seu reino- Sua autoridade celestial-firmemente dentro de nós. É essencial para aqueles que proclamam que O amam, que também O obedeçam. Vamos todos, na luz de Deus e de Sua Palavra, examinar-nos completamente e então render ao Seu controle todas as áreas de nossas vidas consideradas em rebelião. Vamos coroá-Lo rei de nossas vidas.

3. A SARÇA ARDENTE

Nosso Deus é infinito e eterno. Ele conhece todo o futuro tão bem como o passado. Ele não apenas compreende o começo e o final do tudo, mas a

Bíblia nos ensina que Ele “é” o princípio e o fim. Deus existe além de e acima do que é chamado de “tempo.” Tempo é apenas uma parte de Sua criação. Pelo fato de nós sermos seres finitos e, portanto, limitados pelo “tempo,” este conceito do Ser Eterno existente fora do tempo, pode ser difícil de ser penetrado por nós. Não obstante, é verdadeiro. Deus simplesmente “é.” E Sua existência transcende a ambos, tempo e espaço.

Como uma consequência disso, nada do que Deus faz é acidental. Seu trabalho não foi e nem está sendo feito num impulso momentâneo, conforme alguma idéia súbita entre em Sua mente. Pelo contrário, tudo o que Deus tem feito, foi planejado “muito tempo atrás,” de um ponto de vista humano. Todas as Suas atividades são direcionadas para cumprir os objetivos que Ele determinou desde o princípio. Nada do que tem se realizado, seja para impedir Seus propósitos ou para ajudá-los, tem sido uma surpresa para Ele. Cada circunstância foi previamente conhecida e Deus, em Sua infinita sabedoria, planejou um modo de realizar a Sua vontade através dela.

Com isto em mente, vamos olhar juntos para a vida de um homem de Deus muito especial. Sem dúvida, bem antes de ter nascido, Moisés foi escolhido por Deus como um instrumento para executar um grande e poderoso trabalho em Seu nome. Ele não foi selecionado precipitadamente apenas porque aconteceu de estar no lugar certo na hora exata, mas porque ele era parte de um desígnio eterno e insondável. O Todo-Poderoso não apenas conheceu e escolheu previamente Moisés, mas Ele também planejou um modo de prepará-lo para sua futura missão. Pouco depois de seu nascimento (eu creio que todos vocês já leram a história), Moisés foi retirado de seu esconderijo no rio, direto para a casa do faraó. Lá ele recebeu educação e treinamento sobre os usos e costumes da corte (Atos 7:22). Tudo isso fazia parte dos desígnios de Deus para preparar Moisés para o trabalho que estava por vir.

Eu suponho que é teoricamente possível que algum pastor que passou sua vida inteira no deserto, entre na presença do faraó e trate com ele da maneira como Moisés fez, mas Moisés não era simplesmente um pastor comum. Ele era um homem preparado por Deus para uma obra extraordinária. Em preparação para sua chamada, nosso Deus providenciou uma educação bastante incomum. Consequentemente,

quando a hora chegou, ele estava qualificado para se mover com segurança na corte de faraó e cumprir a tarefa do Altíssimo.

Moisés não foi apenas preparado por Deus, mas também foi chamado por Ele para o trabalho para o qual fora predestinado. Não sabemos exatamente quando Moisés começou a entender este chamado, mas está claro que por volta dos 40 anos ele sabia algo sobre isso. É provável que ele ainda não suspeitasse da totalidade do plano de Deus, mas ele parecia compreender que tinha sido escolhido pelo Senhor para libertar Seu povo. Em Atos 7:25 lemos; “Pois ele supunha que seus irmãos entenderiam que Deus os livraria por intermédio dele.” Evidentemente, porque ele estava ciente deste fato, erroneamente presumiu que eles também o compreendiam. Porém, eles não entenderam. Ainda não era o tempo de Deus e todo o Seu trabalho de preparação ainda não havia acabado.

Já que a compreensão de Moisés do plano de Deus estava incompleta, seu comportamento refletia sua deficiência. Ele deve ter olhado a situação com olhos naturais. Ver seus próprios irmãos tão maltratados e na escravidão, provavelmente incitou nele sentimentos muito apaixonados.

Sua opressão contínua, severa, deve ter causado um grande impacto sobre ele. Deve ter se consumido com a idéia de realizar o trabalho que Deus lhe tinha dado. A posição de poder e autoridade a que ele havia chegado, sua própria força e sabedoria, as habilidades inatas de liderança que possuía – todas essas coisas o convenceram de que ele podia e devia começar a dar alguns passos para realizar o chamado de Deus. Assim, quando a oportunidade se apresentou, ele a aproveitou, matando o egípcio e escondendo-o na areia.

Que poderoso livramento ele executou! Um opressor morto e um israelita temporariamente liberto. Com toda a sua preparação e talentos naturais, isso era tudo que ele podia fazer. Moisés indubitavelmente queimava por dentro com o desejo de ver o povo de Deus livre. Ele estava dando o melhor de si para executar o trabalho para o qual havia sido chamado.

Contudo, os resultados foram tão lastimáveis. Não apenas o povo de Deus não foi liberto, não apenas eles não compreenderam o que ele tentava fazer, mas ele próprio teve que proteger sua vida fugindo para o deserto. Mesmo tendo sido chamado por Deus para realizar este

trabalho, o que ele pôde produzir com sua própria energia foi um fracasso.

Os próximos 40 anos da vida de Moisés foram gastos tomando conta de ovelhas. Embora ele não pudesse saber, esse também era um tempo de preparação de Deus. Depois de tanto tempo, ele havia renunciado à idéia de executar qualquer tipo de libertação. O desejo inflamado de libertar seu próprio povo, que antes possuía, era agora uma memória esmaecida. Tornara-se mais velho e mais sábio. A força natural que outrora emanava de seu ser tinha se enfraquecido e os dons e talentos que adquirira no Egito não tinham sido usados durante anos. Isso também era obra de Deus. Era a quebra do que era natural em Moisés – a queda ao pó de suas forças e habilidades humanas – para que Deus pudesse ser o Único a se manifestar através dele. Pelas vistas de Moisés, ele estava acabado, mas aos olhos de Deus, era apenas o começo.

Quando Moisés tinha cerca de 80 anos, Deus apareceu a ele de uma maneira especial. Enquanto seguia com suas ovelhas, ele notou uma sarça que estava queimando. Mas havia algo estranho com o fogo daquela sarça. Embora queimasse intensamente, a sarça não se consumia. Não havia nada natural nesse fogo. Não estava usando os elementos terrestres da sarça. É inteiramente possível que as folhas da sarça tenham permanecido verdes. Esse fogo era abastecido por algo sobrenatural. Era o fogo de Deus! Conforme Moisés se virou para ver essa maravilha, uma voz falou com ele. A voz firmemente o informou que o fogo celestial tinha tornado aquele lugar santo e não havia lugar para espectadores. Como reação, Moisés escondeu sua face. O temor a Deus estava sobre ele e ele não era mais capaz ou desejoso de agir de um modo natural, humano. Moisés se tornou “muito humilde, mais do que todos os homens sobre a face da Terra”(Num 12:3).

Esta foi a maneira pela qual o Altíssimo Deus finalizou Sua chamada para a vida de Moisés – pela sarça ardente. Através dela ele recebeu a mais importante revelação. Ele na verdade deveria queimar por Deus, mas não por sua própria energia. Deveria ter um grande zelo pela libertação do povo de Deus, embora um zelo que não era dele mesmo. Iria executar uma grande libertação, mas não era aquela que ele havia planejado. Deus o iria usar de um modo como nenhum outro ser humano havia sido

usado antes, entretanto não seria absolutamente sua própria ação, mas o fogo celestial trabalhando através dele.

UM PRE-REQUISITO NECESSÁRIO

Aqui está uma verdade essencial sobre a genuína autoridade espiritual. Antes que alguém possa ser grandemente usado por Deus para transmitir Sua autoridade, ele precisa ser quebrado. Ele primeiro precisa de um trabalho sobrenatural realizado em seu ser natural para que não ser mais inteiro. Ele precisa ser quebrado por Deus. Quando este trabalho termina, ele não é mais capaz de usar seus talentos naturais e habilidades para servir a Deus. Ele não fica mais planejando a libertação de Seu povo. A sua própria capacidade de liderança falhou e, então, a menos que Alguém mais poderoso se mova nele, ele não via absolutamente se mover. Uma vez que o filho de Deus alcance esta posição, então ele está pronto para uma grande obra. É então que tal pessoa pode ser realmente usada por Deus. Quando sua confiança em seus dons pessoais, em sua personalidade, conhecimento e habilidades termina total e completamente, então e só então, ele está qualificado para ser usado de uma maneira poderosa para manifestar a verdadeira autoridade espiritual.

Não apenas o homem chamado Moisés teve que se submeter a essa experiência, mas todos aqueles que têm sido usados por Deus também conheceram Sua mão poderosa em suas vidas. Pare um momento e considere cuidadosamente a história de algumas outras figuras bíblicas. Leia a história de José e veja quanto sofrimento ele teve que suportar antes de estar pronto para a grande liderança. Lembre-se de Abraão que recebeu tremendas promessas. Enquanto não foram aprovados, ele e Sara planejaram cumprir a Palavra de Deus por sua própria força. O desastre dessa decisão permanece conosco até hoje. Mas, após muitos anos de tratamento de Deus, quando ele e sua esposa já haviam esgotado sua própria capacidade, eles viram o poder de Deus revelado.

Reveja a história de Jacó, o “usurpador,” o maquinador, aquele que estava sempre planejando um modo de levar a melhor. Ele até mesmo lutou com o anjo até que Deus tocou em sua coxa. A parte mais forte de

seu corpo foi sobrenaturalmente deslocada e ele não foi mais o mesmo. Depois disso ele não pôde mais caminhar como fazia antes. Alguma coisa tinha mudado permanentemente. Foi então que o seu nome foi mudado de Jacó, o “usurpador,” para “Israel,” o “príncipe de Deus.”

Mesmo o rei Davi não se tornou poderoso repentinamente, mas foi preparado por Deus durante anos, enquanto apascentava as ovelhas e, mais tarde, durante suas experiências com Saul. Posteriormente, ele foi muito útil a Deus para subjugar Seus inimigos. Imaginem a tristeza e o quebrantamento que Naomi e Ruth tiveram que suportar antes de verem a vitória se manifestar a elas. Esses e muitos outros tiveram que passar pela experiência da “sarça ardente.” Era necessário para eles serem transformados de homens e mulheres naturais em seres espirituais de modo a terem sua própria força subjugada por Deus.

A EXPERIÊNCIA NA NOVA ALIANÇA

Isso é verdade não apenas no Velho Testamento, mas também na Nova Aliança. Na verdade, eu acredito que esta experiência pode mesmo ser mais importante para aqueles que nasceram de novo do que para eles. Todas as coisas que foram escritas sobre eles foram realmente escritas por nossa causa, para que nós pudéssemos receber instrução divina através delas (Rom 15:4).

Talvez o Apóstolo Paulo nos proporcione o melhor exemplo de tais tratamentos divinos no Novo Testamento. Antes de sua conversão ele era, sem dúvida, extremamente forte em si mesmo. Ele era o “Fariseu dos Fariseus”, um homem judeu culto e bem-educado, que era “extremamente zeloso” das coisas de Deus. Em seus próprios esforços calorosos para servir a Jeová, ele até passou a perseguir a Igreja. Então, um dia, ele teve um encontro com a Luz na estrada. Essa experiência o trouxe para baixo—literalmente para o chão. Logo após nós encontramos Saulo nas sinagogas debatendo com os líderes religiosos e pregando as boas novas que ele havia recebido. Mas isso era apenas o começo. Deus queria algo muito maior desse homem do que o recebimento de alguns argumentos sobre religião. Ele tinha em mente um futuro ministério muito maior.

Logo após sua conversão, Paulo quase desaparece dos registros das Escrituras. Após sua experiência inicial com Cristo, nada mais é ouvido sobre ele, até que Barnabé vai a Tarso procurar por ele. Por onde ele andava? O que andava fazendo? Evidentemente não estava fazendo algo de grande importância. Mas Deus estava fazendo algo nele. Durante esse período, ele passou alguns anos na Arábia (Gal 1:17), talvez no deserto.

Nós realmente não sabemos quanto tempo ele esteve lá ou o que ele experimentou. Apenas sabemos que, quando ele ressurgiu no cenário da Igreja, não é mais o mesmo homem. Ele não está mais cheio do seu próprio zelo e energia, mas é agora alguém útil a Deus para ministrá-Lo ao Seu povo. Agora Paulo é ouvido dizendo coisas como: “não devemos confiar em nós mesmos, mas no Deus” (2ª. Cor 1:9) e “porque quando sou fraco, então é que sou forte” (2ª. Cor 12:10).

O forte “Saulo” tornou-se Paulo e isso define o caráter de seu ministério daí para a frente. Ele retrata seu posicionamento em uma assembléia, dizendo: “eu estava convosco em fraqueza e temor” (1ª. Cor 2:3). Não que o ministério de Paulo fosse fraco, pois certamente não era, entretanto, ele se sentia fraco. Não mais confiava em suas próprias forças e zelo para cumprir o desejo de Deus. O vigor de sua própria vida havia sido destruído. Ele agora sabia que o que ele era e o que ele tinha como ser humano só era útil quando era motivado pela força de Deus. Assim, esse homem outrora auto-suficiente, cuja suficiência fora substituída pela de Alguém maior, tornou-se talvez o mais produtivo Cristão de todos os tempos. Ele tornou-se um instrumento do poder, de revelação e de autoridade divino. Ele não apenas ministrou Cristo a muitos em seus dias, mas ainda agora seu ministério está dando frutos através das páginas do Novo Testamento.

UM PROBLEMA NA IGREJA HOJE

Hoje na Igreja Cristã há um problema muito comum. Homens e mulheres jovens nascem de novo, recebem dons, são chamados por Deus e ungidos para o trabalho do ministério. Seus dons são reais. Seu chamado é genuíno. Mas o trabalho de preparação de Deus em suas vidas não está completo. Por razões que examinaremos em breve, irmãos tão talentosos são freqüentemente colocados em posição de autoridade para

as quais eles não têm alternativa senão agir como homens naturais. Tal autoridade terrestre introduzida na Igreja interrompe o fluir da autoridade divina, que é essencial para o funcionamento adequado de Corpo, e macula o trabalho de Deus. Ela traz um elemento natural, humano, que não pode produzir algo espiritual e se torna apenas um estorvo.

Por favor, não entendam mal. Jovens crentes podem exibir algum grau de autoridade espiritual. Enquanto eles operam na esfera do ministério que o Espírito Santo abre para eles, não há dificuldade. Claro que no início essa esfera é pequena e cresce conforme aumentam sua habilidade e sensibilidade para com Deus. Entretanto, conforme eles começam a trabalhar no Corpo de Cristo, freqüente-mente chegam a uma posição em que começam a exercer uma autoridade que está além de sua capacidade e, conseqüentemente, caem no laço do diabo (1^a. Tim 3:7). Este problema parece desenrolar-se de duas maneiras.

O primeiro enredo é algo assim: Esses novos convertidos são comumente muito zelosos e têm uma energia enorme para gastar nas coisas de Deus.

Os outros irmãos não podem deixar de notar os dons, a unção e a habilidade de liderança operando nessa pessoa. Como nós temos visto desde os capítulos anteriores, os homens naturais freqüentemente desejam uma autoridade terrena, um “rei.” Eles gostam de ter alguém para lutar as batalhas, para cuidar dos problemas, descobrir a direção de Deus e outras coisas mais. Então, quando eles vêem aqueles que estão cheios de energia, aqueles que Deus está usando e que têm dons espirituais verdadeiros, normalmente os empurram para a frente na Igreja. Eles os tomam e fazem deles seus pastores, anciãos e assim por diante. Muito freqüentemente, eles os elevam acima de sua capacidade espiritual e os colocam em “posições” de autoridade na Igreja, sobre o que falamos anteriormente.

Claro que estes recém-convertidos não têm sabedoria e maturidade para evitar esta cilada. Acreditam sinceramente que os que os estão impelindo devem saber o que é certo. Já que eles estão famintos, como Moisés estava, para servir a Deus e fazer a Sua vontade, permitem que os homens os coloquem nessas posições. Mas esse é um sério engano. É impossível para esses indivíduos agir adequadamente, de acordo com o Espírito. Eles simplesmente não têm a preparação divina. Sua

sensibilidade espiritual a Deus e sua desconfiança em sua própria capacidade ainda não foram completamente estabelecidas. Isso então os leva a não ter outra opção a não ser agir naturalmente, confiando em sua própria capacidade. É esse tipo de injeção de autoridade que tão rapidamente macula a Igreja.

Se tais indivíduos têm uma personalidade forte e muita energia, eles podem demonstrar sucesso no que estão fazendo, pelo menos por enquanto. Os outros podem aplaudir suas realizações. Sua influência pode se expandir e seu “ministério” cresce muito rapidamente. Em pouco tempo estão liderando alguma grande organização religiosa e atraindo novos membros. Todavia, nosso Deus compreende profundamente a verdadeira substância espiritual de todas as nossas obras. Qualquer coisa que tenha sido feita por nossa própria energia e esforço é rejeitada por Ele. Tais coisas terrenas serão queimadas no trono de julgamento de Cristo. Madeira, feno e palha não podem permanecer naquele dia (1^a. Cor 3:12).

É também possível que Deus tenha misericórdia desses jovens recrutas e permita que seu trabalho falhe e pereça. Ele faz isso com muito amor para que eles não se tornem enredados completamente em seu erro. Ele anseia que eles venham a um lugar de quebrantamento diante Dele. Contudo, muitos desses indivíduos não compreendem tais obras nem percebem a mão de Deus em suas derrotas. Eles não entendem como Deus poderia “abandoná-los” quando eles estavam trabalhando tanto para Ele.

Conseqüentemente, tornam-se amargos e desiludidos. Sua fé naufraga. Para muitos desses crentes, o que eles vêem outros cristãos fazendo ao redor deles é a sua única direção. Conforme esse padrão, eles não tiveram sucesso e freqüentemente acreditam que Deus os abandonou. Parece difícil para alguns mudar esse conceito. Eles até renunciam a servir a Deus inteiramente ou se mudam para usar métodos cada vez mais humanos para conseguir os resultados que aprenderam a esperar.

A segunda razão pela qual os jovens crentes muitas vezes chegam a posições de autoridade (uma razão que, geralmente, opera em conjunto com a mencionada anteriormente) é que eles mesmos as procuram. Essas são pessoas normalmente fortes e mesmo antes de sua conversão costumavam confiar em suas próprias habilidades. Então, quando vêm para a Igreja, Deus ainda não teve tempo de mudar essa situação. Como

eles são bem-dotados, ambiciosos e até mesmo chamados por Deus, esses homens e mulheres naturalmente chegam ao topo em qualquer situação.

A menos que haja crentes mais velhos e maduros que tenham experimentado a mão esmagadora de Deus em suas vidas para aconselhar e dirigir tais jovens, a tomada da autoridade divina em suas mãos é quase inevitável. Esses cristãos, pela força natural, se elevam acima de sua esfera espiritual e se tornam líderes. Isto não apenas se torna um sério obstáculo na Igreja mas, com o passar do tempo, também provocará um severo impacto negativo sobre a pessoa que foi assim elevada.

Alguns homens gostam de exercer autoridade sobre os outros. É um verdadeiro impulso para o seu ego pensar que podem controlar um grande número de pessoas. Depois que se convertem e se enchem do Espírito Santo, começam a ver Deus usá-los de muitos modos, talvez até miraculosamente. De repente se torna muito fácil para eles impressionar as pessoas e atrair seguidores. Seus dons espirituais só servem para aumentar suas disposições e habilidades humanas. A menos que esse tipo de personalidade natural seja humilhada e subjugada por Deus, essas pessoas irão automaticamente agarrar tanto poder quanto elas possam.

A Igreja hoje está cheia de tais líderes. Alguns se esforçam para ver quantas pessoas eles podem influenciar. Fazem alarde para quem quiser ouvir sobre quantas “Igrejas” estão “debaixo” de seu ministério, sobre quantos “grupos familiares” eles têm ou quantos novos membros conseguiram recrutar. Muitas vezes tais indivíduos encontram um modo de tirar de suas Igrejas outras pessoas que estão sendo levantadas por Deus ou qualquer outro que pareça ser uma ameaça à autoridade deles. Como sua autoridade tem uma base humana, ela só pode ser defendida por meios humanos. Contendas, orgulho, ciúme, e muitas outras coisas são evidenciadas em tais situações. Este tipo de “autoridade” é repugnante para todo aquele que tem olhos verdadeiramente espirituais.

Esses crentes caíram no laço do diabo.

O exercício de autoridade na Igreja de Cristo é algo muito profundo. Não é uma coisa que se possa analisar superficialmente. Não estamos tratando aqui de alguma organização ou negócio terrestre. Só porque alguém tem “capacidade de liderança” no mundo, isso absolutamente não o qualifica para fazer qualquer coisa na Igreja. Como precisamos examinar esse

assunto com o temor de Deus! Quanto nós homens precisamos nos arrepender de substituir a autoridade de Deus pela nossa própria! O que se supõe que nós devemos construir aqui, é algo eterno, algo de substância celestial. Nós precisamos tomar essa responsabilidade muito seriamente e focar o exercício de autoridade com trêmulo receio de corromper o trabalho de Cristo. O mau uso, e a má interpretação da autoridade de Deus, é uma das razões primárias pela qual a Igreja como um todo está em um grau de espiritualidade tão baixo e ainda não cumpriu sua missão para com o mundo.

OS SERVOS NECESSITAM DE PREPARAÇÃO

Durante o ministério de Jesus, Ele ensinou muitas coisas aos seus discípulos. Um de seus métodos de ensino era dar-lhes “retratos” ou exemplos. Uma certa ocasião, os doze notaram que as pessoas para as quais Jesus estava ministrando estavam ficando famintas. O dia já estava no fim e eles não tinham nada para comer. Jesus aproveitou essa oportunidade para mostrar-lhes algo profundo. Sua resposta ao problema foi dizer aos discípulos que eles deveriam satisfazer aquela necessidade. “Mas,” eles retrucaram, “temos apenas um pouco de comida (cinco pães e dois peixes), como podemos fazer algo com isso?” Jesus estava pedindo a eles para realizar uma tarefa enorme e eles foram capazes de reconhecer que, pela sua capacidade natural, isso era impossível. Entretanto, Ele tomou em Suas mãos o que eles tinham e os partiu. CRUNCH, CRUNCH (trituração audível), esmigalhando-se, eu posso imaginar os assombros deles. Quando Ele acabou, havia mais do que suficiente para todo mundo.

É assim, então, que Deus age com os seus seguidores.

Sua instrução para nós é que O ministremos às multidões. Mas o que temos naturalmente não é suficiente para o trabalho. Mesmo com os nossos dons divinos, só seremos capazes de ministrar para algumas poucas pessoas no começo. Nossos poucos pães e peixes nunca poderão satisfazer a maiores necessidades até que eles tenham sido partidos pelas mãos do Salvador. Deus precisa realizar um trabalho de quebrantamento em nossas vidas. Para sermos poderosamente usados, instrumentos para a autoridade sobrenatural, não há outro modo. A força natural deve ser

destruída e nossa essência fraturada, sem possibilidade de reparo. Então, e só então, estamos qualificados para sermos usados por Deus de maneira ampla.

Isto parece severo? Parece difícil? E é! Nenhum dos verdadeiros servos do Senhor teve “um tempo fácil.” Morrer nunca é agradável, mas é o único caminho. A eliminação de nossa força natural é a única possibilidade. Se não formos profundamente tocados dessa maneira, mesmo quando estamos dando o melhor de nós para fazer a coisa certa, a carne se expressará. Frequentemente estamos completamente inconscientes quando isto acontece. Nossa imaturidade espiritual nos impede de ver que impressão nossas atitudes causam nos outros e no mundo espiritual. Muitas vezes não temos noção da intensidade de nossas próprias forças ou da maldade que espreita dentro de nós. Em consequência, não temos sequer idéia do tanto que precisamos ser quebrados pela mão de Deus. Mas Nosso Senhor nos conhece intimamente e vê claramente as áreas de nossas vidas que necessitam de transformação. Por isso a vida do “ego” precisa morrer. Enquanto ela permanece viva, ela sempre se manifesta e macula a obra de Deus.

Todos aqueles que serão grandemente usados por Deus passarão por tempos escuros, difíceis, dolorosos. Não é que Jesus esteja irado conosco ou que nós tenhamos de algum modo pecado contra Ele. Não, estas experiências são para aqueles que são especialmente amados por Ele. Estas são horas de provações para aqueles que são escolhidos para serem instrumentos do Seu poder e autoridade. Não há dúvida de que tais indivíduos encontrarão momentos e situações em que eles julgam não poder continuar. Podem acreditar que não são capazes de suportar nem mais por um minuto a dificuldade e a dor que estão experimentando. Eles podem não encontrar saída. Contudo, Deus dá a eles graça suficiente para sobreviver. Durante cada hora de escuridão e tumulto Ele está lá para ajudar-los. Enquanto eles esperam que Ele os liberte de sua situação, Jesus os está libertando “através” dessa situação. Na realidade, provavelmente ele permitiu essas circunstâncias para trazê-los para um lugar tal, de maneira que Ele possa completar Sua obra transformadora neles.

Não vamos pensar nessas ocasiões que Deus nos abandonou. A verdade é o oposto. Estas experiências são realmente manifestações do amor divino.

Ele está preparando Seus servos para que sejam infinitamente úteis a Ele.

Não há outro modo. Se a vida natural persiste, sempre haverá impedimentos e problemas. O Apóstolo Paulo parece estar descrevendo uma dessas horas de provação quando escreve: “Nós somos em tudo atribulados, porém não angustiados; perplexos, porém não desanimados; perseguidos, porém não desamparados; abatidos, porém não destruídos; levando sempre no corpo o morrer de Jesus para que também a Sua vida se manifeste em nosso corpo. Porque nós, que vivemos, somos sempre entregues à morte por causa de Jesus, para que também a vida de Jesus se manifeste em nossa carne mortal” (2^a. Cor 4:8-11). O fato de que ele próprio tenha experimentado tais coisas deveria ser uma fonte de grande consolo para nós.

Queridos amigos, por favor, tenham em mente que este não é um trabalho que vocês possam fazer sozinhos. A quebra da força natural não é algo que o homem natural possa fazer. Só Deus pode fazer este trabalho em uma pessoa e Ele o faz à Sua maneira e a Seu tempo. Tudo o que podemos fazer é nos render a Ele completamente, não retendo coisa alguma e dando-Lhe permissão para fazer o que Ele quiser em nossas vidas.

A experiência do quebrantamento leva tempo. Não há substituto para os anos de preparação nas mãos do Oleiro. Entretanto, este período não é o mesmo para todos. Com alguns, Deus pode fazer este trabalho gradualmente, em um período de anos e, assim, com estes, o exercício de autoridade divina também expandirá vagarosamente. Com outros, o Mestre pode ter um tempo especial em sua experiência, em que Ele faz um trabalho dramático de quebra. Quando isto acontece, todos ao redor notarão uma tremendamente rápida mudança no caráter e na personalidade. Provavelmente logo após isto, Deus começará a usá-los de um modo muito mais poderoso. Mas, embora Ele trabalhe em nossas vidas, é Ele quem escolhe e faz. Nossa parte é simplesmente sermos obedientes a Ele.

Estas, portanto, são as qualificações para transmitir a autoridade sobrenatural: ser chamado, ungido e preparado por Deus. Nenhum desses itens pode ser desprezado. Não há dúvida de que Deus deseja usar estes dons que Ele nos deu e também, de alguma forma, as habilidades naturais com as quais Ele nos equipou. Contudo, nenhuma destas coisas

pode ser muito útil ate nossos forças sejam quebrantadas e Ele tenha controle completo. Quando nós somos “completos” podemos ser usados muito pouco por Deus.

4. A FORMA DE UM SERVO

Nesta série de artigos, temos discutido sobre a autoridade espiritual. Juntos examinamos os dois tipos de autoridade encontrados na Terra hoje, isto é, a autoridade hierárquica, “delegada,” e a autoridade espiritual, “transmitida.” Investigamos a necessidade de sermos capazes de reconhecer a genuína autoridade espiritual e distingui-la da variedade terrena. E nós vimos como Deus prepara Seus vasos e então se manifesta à Igreja através deles.

Com tudo isso em mente, somos levados a uma questão particularmente importante no que concerne à autoridade. É: Quais são os motivos de uma pessoa para exercer a autoridade? Quando alguém está agindo ou falando com autoridade, inevitavelmente ele tem um propósito por trás do que está fazendo. Além disso, esses motivos revelam claramente a fonte de tal autoridade. Por exemplo, quando os impulsos vêm de Deus, a autoridade é Ele. Ele é quem está se revelando. Por outro lado, quando um desejo de dominar surge do interior do indivíduo, ambições egoístas certamente existirão. Consequentemente, compreender as motivações ocultas na autoridade que está sendo demonstrada em nós mesmos ou nos outros, pode ser um instrumento valioso para entender a fonte de tal autoridade. Lembremo-nos que os pensamentos e as intenções do coração humano (especialmente o nosso próprio) são frequentemente difíceis de serem percebidos. Portanto há uma grande necessidade de abriremos sinceramente nossos corações e mentes para a iluminação do Espírito Santo e de nos humilharmos diante Dele enquanto examinamos, juntos, as Escrituras.

Já que Nosso Senhor Jesus Cristo foi o exemplo supremo da verdadeira autoridade espiritual, vamos dar uma olhada em Sua vida e ensinamento.

Quando Jesus andou pela Terra com Seus discípulos, Ele gastou uma grande parte do Seu tempo ensinando-os. Seus métodos de ensino eram variados e únicos. Comumente Ele os instruía através de ilustrações

gráficas, além de palavras. Foi pouco antes do culminação de Seu trabalho na Terra, enquanto estavam reunidos comendo o que chamamos “a última ceia,” que Jesus escolheu fazer uma poderosa demonstração de autoridade a eles. A hora que Ele escolheu para esse ato, o verdadeiro clímax de Seu ministério, é evidência da tremenda importância que Ele atribuiu ao assunto.

Enquanto eles estavam comendo juntos, Jesus levantou-se da mesa, tirou Sua roupa de cima e cingiu-se com uma toalha. Ele se vestiu como um servo. Então prosseguiu executando a função do menor escravo – lavar os pés dos discípulos. Ali estava o Deus encarnado, o Criador do Universo, Aquele que tinha o direito de exercer toda a autoridade, agindo como um criado pessoal. Sem dúvida, Ele estava tentando transmitir uma mensagem muito importante. Ele estava assinalando, tão enfaticamente quanto podia, a verdadeira atitude e posição daqueles que exercem autoridade espiritual e liderança. Enquanto tomava esta atitude, Ele disse: “Vós me chamais Mestre e Senhor, e dizeis bem, porque Eu o sou. Ora, se Eu, sendo o Senhor e o Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns dos outros. Porque Eu vos dei o exemplo para que, como Eu vos fiz, façais vós também” (João 13:13-15). Então Ele conclui Sua mensagem dizendo: “Se sabeis estas coisas, bem aventurados sois se as praticardes” (vs 17).

Isto então nos revela a motivação Escriturística da verdadeira autoridade espiritual. Aqueles que são usados por Deus para transmitir Sua autoridade devem ser servos. Sua atitude e sua disposição não é para estabelecê-los como “alguém,” isto é, chefes e senhores, mas para tomarem a posição mais inferior. Eles devem usar seus dons divinos para servir aos outros em vez de se elevarem a si mesmos. As ações de Jesus são muito mais do que apenas a base para uma nova cerimônia de lava-pés na Igreja. Aqui nosso Instrutor Divino nos mostrou um tremendo princípio que governa todo o exercício de autoridade espiritual entre Seu povo.

O que isto significa em nossa experiência prática? Significa que, quando Deus começa a usar alguém como um canal para Sua autoridade e, conseqüentemente, ele começa a ser elevado aos olhos das outras pessoas, ele próprio não tem interesse em ser assim elevado. Seu coração não está sintonizado em si próprio ou em algum tipo de “posição” mas, ao

contrário, está inclinado a servir ao próximo. Ele foi humilhado por Deus e então se tornou, em cada sentido da palavra, servo. A ambição de sua vida não é mais tornar-se “alguma coisa” na Igreja, mas levantar outros para ser o que Deus quer que eles sejam. O “Eu” não é mais a motivação. Ao contrário, o bem dos outros tornou-se a força dominante governando suas ações. Esta é a pessoa que realmente entendeu a mensagem de Deus e assim se tornou muito útil ao Seu reino. Por outro lado, se alguém não tem esta atitude no seu íntimo, então não está verdadeiramente qualificado para o ministério espiritual.

Aqueles que são realmente instrumentos de Deus não estão tentando “construir seu próprio ministério.” Sua motivação nunca é “construir uma Igreja maior que a dos outros” ou manter sob sua influência o maior número possível de pessoas. Não estão criando seus próprios impérios ou reinos usando o nome de Jesus e a Palavra de Deus como um pretexto para uma vida de servir-se a si mesmo. Estas não são pessoas que gostam de controlar as outras e de aproveitar a aura de ser “o homem ou a mulher de Deus.” Eles são simplesmente servos trabalhando para o bem dos outros. Tal autoridade nunca é pesada ou exigente demais porque a pessoa que a manifesta não pretende tirar proveito pessoal dela. É uma autoridade com uma motivação completamente diferente de qualquer coisa humana. Este tipo de liderança só pode vir de outra fonte. Ele revela o verdadeiro caráter de Deus.

“TÍTULOS” NO NOVO TESTAMENTO

Os “títulos” que o Novo Testamento usa para descrever os servos de Deus refletem muito fortemente a verdade acima. No texto original, a idéia de homens e mulheres reinando e governando sobre os outros na Igreja, é completamente ausente. Porém, em muitos casos, o verdadeiro significado da terminologia foi grandemente alterado ou mesmo completamente perdido para a nossa geração moderna. Talvez o melhor exemplo deste problema seja a palavra “ministro”. Hoje, um “ministro” é alguém que “comanda” a Igreja. Esta pessoa tem um título oficial, uma posição religiosa, talvez tenha também ornamentos especiais que veste para distinguir-se dos outros e, em geral, é elevado acima dos outros.

Geralmente se espera dos membros um maior grau de respeito, semelhante ao que alguém daria a um dignitário político.

Contudo, a revelação da Escritura sobre o que é ser um “ministro” é muito diferente. Há realmente três diferentes palavras gregas que são traduzidas por esta palavra “ministro.” A primeira é DIAKONOS. Significa “servo” ou “atendente.” A segunda palavra, LEITOURGOS, se refere a alguém que serviu o público de uma maneira especial, por sua própria conta. A terceira palavra HUPERTES originalmente significava “remador inferior,” que era uma classe mais baixa de marinheiros. Mais tarde veio a significar qualquer ação subordinada sob a direção de outro. Algumas outras palavras que se relacionam com o pensamento de serviço espiritual são:

DOULOS, um escravo cativo; OIKETES, um servo doméstico; MISTHOIS, um servo contratado; e PAIS, um servo menino. (Definições do Vine, Dicionário de Palavras do Novo Testamento.)

Nada em qualquer destas palavras sugere o conceito que comumente encontramos na Igreja hoje. Servos não dizem o que fazer àqueles a quem estão servindo. Eles não são aqueles que reinam e governam sobre os outros. Ao contrário, sua função é assistir aos outros, servindo-os de maneira humilde. Nestes termos não descobrimos exaltação do “ego,” elevação aos olhos do mundo e nem posição especial de respeito social. De fato, o oposto é que é verdade. O uso de tal terminologia sugere que tais pessoas se humilharam e se tornaram servos genuínos, seguindo o exemplo de Nosso Senhor Jesus por toda a Sua vida (Filipenses 2:8). Por esta breve investigação, parece que a palavra “ministro” tornou-se tão mal empregada na Igreja hoje que virtualmente passou a significar o oposto do que significava no tempo de Jesus.

FUNÇÕES DE SERVIÇO

Creio que está na hora de todos nós fazermos um sério reexame de nossos conceitos sobre o que Deus tenta transmitir a nós em Sua Palavra.

Quando tal terminologia como apóstolo, profeta, pastor, ancião, etc., é usada, qual é o pensamento de nosso Mestre por trás dela? Pela nossa discussão, é óbvio que estes não podem ser títulos ou rótulos significando

posições especiais de importância na Igreja. Isto estaria em contradição direta com o claro ensino e exemplo de Jesus. Portanto, precisamos aspirar mais além, até que vejamos na luz de Deus, uma revelação que esteja em harmonia com todas as Escrituras.

Em vez de serem consideradas como títulos posicionais, estas palavras como “pastor,” “apóstolo” e “ancião” poderiam ser entendidas simplesmente como descrições de certas funções de serviço no corpo de Cristo. Talvez isto seja mais bem ilustrado pelo uso de analogias terrenas já que não temos quaisquer preconceitos religiosos concernentes a elas. Por exemplo: Qualquer um pode ir pescar. Mas, quando alguém pesca frequentemente e se torna um adepto de “pegar peixe,” então você pode dizer que ele é um “pescador.” Este não é seu título ou algum tipo de posição, mas uma descrição do que ele faz. Semelhantemente, muitas pessoas podem consertar uma torneira vazando, mas quando elas fazem regularmente este tipo de trabalho e tornam-se boas naquilo que fazem, então são consideradas “encanadores.” Assim também na Igreja. Deus determinou para cada um tarefas especiais. Hoje nós poderíamos chamá-los “ministérios.” Estas são áreas únicas de serviço através das quais nós cuidamos do corpo de Cristo. Quando alguém é regularmente usado por Deus na área de profecia e se torna conhecido pelo seu exercício desse dom, então ele pode ser chamado de profeta. Quando alguém é especialmente mandado por Deus para estabelecer e manter Igrejas, então ele é conhecido como um apóstolo, que significa “enviado.”

Quando estas palavras que hoje são consideradas como títulos ou posições na Igreja eram vistas como simples descrições de funções de serviço, todo o conflito com os ensinamentos de Jesus desaparece. Em vez de ser um meio de elevar certos indivíduos talentosos sobre os demais, elas são, na realidade, um meio de descrever que tipo de servos estas pessoas são.

Esta idéia é fortemente justificada quando verificamos como estas palavras não são usadas no novo Testamento. Por exemplo, as Escrituras nunca usam a frase “o Apóstolo Paulo” designando um título. Ao contrário, nós lemos “Paulo, o apóstolo,” o servo, alguém que foi enviado por Outro para executar um serviço para a Sua Igreja. Nunca encontramos “Ancião Pedro,” “Reverendo Tiago” ou “Pastor João” na Bíblia. Algo completamente diferente disto está na mente de Deus.

Não apenas estas diversas descrições ministeriais não são usadas como títulos no Novo Testamento, mas Jesus rigorosamente proibiu o uso de títulos entre os Seus seguidores. Quando Ele disse: “A ninguém sobre a Terra chameis vosso pai” (Mat 23:9), isto não era simplesmente uma proibição usando uma mera palavra. Era claramente uma instrução contra a elevação de certos indivíduos a uma posição de proeminência pelo uso de um título. Ele explica, dizendo: “Porque vocês são todos irmãos.” Vocês são todos iguais. Vocês são todos do mesmo nível. Ninguém consegue ser maior, melhor ou mais importante que o outro. Ele reforça a verdade insistindo “Vós, porém, não sereis chamados mestres ou senhores (alguns antigos textos gregos dizem líderes em vez de senhores)” (Mat 23:7-10). Isto indica claramente que todo uso de palavras especiais para distinguir e elevar um crente sobre o outro é contrário ao claro ensinamento da Palavra de Deus. Glória a Deus, todos os títulos são reservados para Jesus! Ele é o “Rei dos Reis” e o “Senhor dos Senhores.”

A ORDENANÇA DIVINA

Hoje, em círculos cristãos, muitas pessoas estão ensinando sobre ordenança divina. O pensamento básico por trás desta instrução parece ser o de que existe um tipo de hierarquia, uma espécie de cadeia de comando dentro da Igreja de Deus e que, quando nós a reconhecemos, nos submetemos e “entramos em sintonia com ela,” nós praticamos a vontade de Deus e experimentamos uma bênção. Nesta “cadeia de comando” os apóstolos estão no topo, então vêm os profetas, os evangelistas, etc. Outros grupos talvez coloquem o “pastor” como líder, os anciãos logo abaixo dele e então os diáconos, professores da escola dominical e assim por diante, descendo a linha. Embora haja muitas variações sobre este tema, os fundamentos geralmente são os mesmos: que existe um tipo de pirâmide semelhante a uma corporação ou governo terreno dentro da Igreja. Quanto mais eles insistem, é através desta estrutura que Deus lidera Seu povo.

Com isto em mente, vamos ler juntos a Escritura. “Mas Jesus os chamou para Si e disse: “Sabeis que os governadores dos povos os dominam e que os maiores exercem autoridade sobre eles. Não é assim entre vós; pelo

contrário, quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva; e quem quiser ser o primeiro entre vós, será o vosso servo; tal como o Filho do homem, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a Sua vida em resgate por muitos” (Mat 20:25-28). No relato de Lucas, descobrimos que estes reis que exerceram liderança foram chamados “benfeitores.” Em outras palavras, eles estão reinando para o “benefício” dos que estão abaixo deles. Com referência a esta idéia, Jesus disse: “...pelo contrário, o maior entre vós seja como o menor; e aquele que dirige seja como o que serve” (Lucas 22:25-27).

Aqui encontramos a verdadeira ordenança divina. Dentro da Igreja deve ser exatamente o oposto do modo como é no mundo. Enquanto o mundo tem uma hierarquia e uma cadeia de comando, na Igreja de Deus não deveríamos encontrar algo semelhante. Esta atitude foi rigorosamente proibida por nosso Deus! Não importa o que os outros estejam fazendo. A prática popular ou costumes de nossos tempos não tem sustentação neste assunto. Fomos chamados a obedecer a Jesus. Muitos de nós comumente afirmam que crêem na Bíblia e que as palavras ali registradas são da maior autoridade. Como então podemos permitir a opinião popular e métodos atuais para controlar nosso trabalho para o Senhor?

VERDADEIRA LIDERANÇA

Este é, então, o plano de Deus. Aqueles que estão sendo usados por Deus para transmitir Sua autoridade têm uma atitude completamente diferente daqueles que têm autoridade no mundo. Eles não têm a intenção de “exercer autoridade” sobre outro irmão ou irmã, mas estão simplesmente expressando a vontade de Deus de acordo com a Sua direção. Estes homens e mulheres nunca chegam a uma posição de serem maiores que os outros ou de estarem acima deles, mas são servos usando seus dons para edificar os outros. O próprio Paulo disse, referente á autoridade manifesta através dele, “não que tenhamos domínio sobre a vossa fé, mas porque somos cooperadores de vossa alegria” (2ª. Cor 1:24). Embora algumas versões portuguesas da Bíblia traduzam 1ª. Tess 5:12 como se alguém estivesse “sobre” o outro no Senhor, a palavra em grego é PROISTEMI, que significa basicamente “andar em frente” e não reinar sobre. Como já vimos, o conceito completo de Jesus e das Escrituras é

tornar-se um servo, não um soberano. Embora alguns possam estar à frente de outros em termos de maturidade espiritual, isto não significa que eles devem dominar sobre o corpo de Cristo.

Talvez seja útil aqui investigarmos o que o conceito de liderança requer. “Liderar” no sentido bíblico não significa comandar, ordenar ou, de modo algum, exercer autoridade “sobre.” Ao invés disto, significa que alguém vai à frente como um exemplo. O resto, vendo este exemplo, imagina que vem de Deus e o segue. Este é exatamente o modo como agia um verdadeiro pastor nos tempos de Jesus. Ele desenvolvia uma relação íntima com seus animais. Eles o conheciam bem e confiavam nele. Assim, quando ele deixava o aprisco, eles o seguiam sabendo, por experiência, que ele os levaria para pastos mais verdes. Estes pastores não dirigiam as ovelhas por trás. Eles não mandavam uma ordem para as ovelhas se moverem para um determinado lugar. Era o seu exemplo e a sua fidelidade que os fazia líderes. Esta é a autoridade no Novo Testamento. É um trabalho de amor, demonstrando pelo exemplo e fidelidade, a vontade de Deus.

É interessante que Deus tenha escolhido termos como “ancião” ou “pais” para descrever aqueles que eram mais maduros no Senhor. Estes termos (em oposição a “general” ou “governador”, por ex.) foram cuidadosamente escolhidos para expressar o pensamento de Deus. Se você pensar sobre isto, irá perceber que há um importante aspecto em ser um pai ou um avô, que é completamente diferente de alguém que está no comando. Simplesmente, um pai tem em mente o bem-estar de seus filhos. Não é problema para um pai que seus filhos se tornem maiores que ele. De fato, é seu objetivo que o superem. Se eles podem ser mais bem educados, mais felizes, mais ricos, ter uma casa e uma vida melhor, é uma grande alegria para ele. Sua meta é servi-los e ajudá-los a prosperar em todas as áreas. Os pais devem ser, no verdadeiro sentido, servos de seus filhos.

Semelhantemente, o objetivo de um sincero servo de Deus é edificar os outros. Seu trabalho é manifestar a realidade de Jesus a eles de modo a encorajá-los a se tornarem verdadeiros discípulos. Nossa tarefa é servir aos outros, não a nós mesmos. Nosso privilégio é encorajar os outros a seguir Jesus de modo que, se possível, eles se tornem “maiores” do que nós. Se eles se tornarem mais sábios, mais poderosos, mais usados por

Deus ou mais reconhecidos, isto deveria ser para nós uma fonte da maior bênção. Já que nós somos servos deles, é somente alegria para nós quando eles são exaltados. Este é um cumprimento de nosso ministério: fazer com que outros se tornem tudo o que Deus quer que eles sejam.

Contrastemos isto com o que acontece no mundo hoje. Em política, negócios, esportes, teatro e qualquer outra atividade, as pessoas estão batalhando pelo topo. Eles querem ser os maiores e os melhores, os mais ricos ou os mais famosos. Muitas vezes esta competição para ser grande se torna uma feia manifestação da natureza humana caída. Conflitos de poder, mentiras e decepção se tornam parte do processo. Não admitir fraqueza ou falha, não deixar os outros saberem como realmente você é por dentro – estas são as necessidades absolutas para seguir em frente. As aparências se tornam muito mais importantes que a realidade porque isto é o que influencia os outros. Assim, a hipocrisia corre desmedida. Em resumo, muitos habitantes desta Terra estão diariamente envolvidos na luta pelo poder. Eles tentam se elevar acima dos outros ao mesmo tempo em que tentam evitar que os outros chegar na frente.

QUAL É A NOSSA CONDIÇÃO HOJE?

Como então encontramos a situação da Igreja hoje? Com qual dos dois exemplos acima poderíamos comparar as práticas que encontramos na casa de Deus? Infelizmente, é comum que seja a segunda a descrever a situação da Igreja. O desejo humano de se elevar é encontrado em muitos púlpitos. A tendência de manter os outros abaixo também está ali. O desejo de se tornar mais e mais poderoso, influente e famoso, motiva mais do que uns poucos ministros hoje. A norma hoje é descobrir “quantas pessoas” um líder tem em “sua” Igreja. Quantas Igrejas ele tem afiliadas ao seu ministério? Quais são os números? Quanto sucesso? Quão grande este servo se tornou?

Esta prática tem ido tão longe que eu tenho ouvido falar que algumas escolas bíblicas até mesmo ensinam aos futuros líderes técnicas especiais para manter sua autoridade. Eles entendem bem que, se as pessoas virem o lado humano destes líderes, elas terão dificuldade em reconhecer sua autoridade. Então eles as instruem a se manterem afastadas da

congregação. Eles as advertem a não se tornarem amigas “daqueles que estão nos bancos da Igreja” e a não deixar os outros saberem sobre seus problemas pessoais. Se elas o fizerem, então as pessoas não irão respeitá-las ou acatar a sua autoridade. Isto não apenas resulta no estabelecimento de uma falsa autoridade na Igreja, mas também condena o líder que está assim embaraçado a uma experiência cristã isolada e, portanto, incompleta. Este tipo de autoridade humana é completamente estranha à compreensão neotestamentária da Igreja.

Também não é incomum encontrar líderes cristãos lutando para manter sua posição na Igreja. Quando alguém mais começa a ser elevado por Deus na congregação e a ser reconhecido e respeitado pelos outros como tendo uma mensagem de Deus, então o atual líder pode encontrar um meio de se ser livre daquela pessoa. Manda-a embora da Escola Bíblica. Deixa que ela tenha sua própria Igreja. Acusa-a de ser rebelde e a atira para fora. Qualquer método é válido, desde que preserve a posição de quem está no poder. Acusações, medos e competição, todas formam a base da luta carnal pelo poder.

Por outro lado, a verdadeira autoridade espiritual flui de Deus. Ninguém realmente usado por Deus necessita lutar para ganhar uma posição ou ministério. Jesus é quem levanta líderes entre Seu povo. Líderes genuínos nunca se alçam pela própria habilidade de pregar e ensinar e em geral influenciar os outros a pensar bem deles. O rei Davi, por exemplo, era um humilde pastor, mas o Senhor o escolheu para dirigir seu povo. Muitos dos profetas eram nada até que Deus tocasse em suas vidas e começasse a fluir através deles. Ministério não é um produto de ambição, mas um resultado de intimidade com Deus. Aqueles que são realmente usados por Deus são aqueles que servem aos outros mais do que a seus próprios “egos.” Estas são as obras que permanecerão no dia do julgamento.

Também, nunca há a necessidade de defender nossa “posição” ou ministério. Um servo verdadeiro não tem posição para defender. Ele está simplesmente à disposição de Deus para ser usado ou não, conforme aprouver a seu Senhor. Quando a liderança de Moisés foi desafiada, sua resposta foi lançar-se sobre a sua face diante de Deus. Ele sabia que era o Senhor que o estava usando e que era o Seu poder que o estava sustentando. Força humana e raciocínio só iriam macular o testemunho do que Deus estava fazendo através dele. Deus irá defender o que é

verdadeiramente Dele. Nada irá impedir que Sua vontade seja feita com o passar do tempo. Nunca há necessidade de um esforço humano para garantir a obra de Deus.

Disputas, contendas, debates, conflitos de poder, etc., são obras da carne. Humildade, bondade e brandura são uma evidência do Espírito Santo. Se estamos mordendo e devorando uns aos outros, isto certamente causará destruição na família de Deus (Gal 5:15). Se nós formos tocados profundamente humilhados por Deus para sermos servos do Seu povo, nossa obra trará bênção e ministério para todos ao redor. Esta é uma grande necessidade de hoje. Não ouvir aqueles que estão usando as coisas de Deus para se elevarem e edificarem seus próprios ministérios, mas receber daqueles humildes através dos quais Deus está se manifestando.

Um dia, quando os doze estavam caminhando com Jesus, iniciaram um debate. Estavam disputando quem seria o maior quando Jesus se tornasse rei. O Senhor usou esta oportunidade para tentar mostrar-lhes, de novo, algo sobre como Ele pretendia que o Seu corpo funcionasse. Ele tomou uma pequena criança e a sentou ao Seu lado, dizendo algo muito profundo: “Aquele que entre vós for o menor de todos, esse é que é grande” (Lucas 9:48). Uma outra vez, dois dos homens estavam fazendo uma solicitação especial para posições de autoridade. Jesus fez de novo um pronunciamento que é exatamente o contrário do nosso modo normal, humano, de pensar. Nós lemos: “quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva. E quem quiser ser o primeiro entre vós, será o vosso servo -tal como o Filho do homem, que não veio para ser servido, mas para servir” (Mat 20:26-27).

O PERIGO DO RECONHECIMENTO

Temos falado sobre a necessidade de humildade na obra de Deus e como um verdadeiro líder é realmente um servo. Entretanto, é inevitável que, quando Deus começa a usar um instrumento humano, algumas pessoas começarão a se impressionar e, pelo menos em suas próprias mentes, o elevarão a algum tipo de posição. Quando a verdadeira autoridade espiritual é expressa, frequentemente resulta na obtenção de um tipo de autoridade a seus líderes. Isto coloca o servo de Deus em uma posição

perigosa. Uma vez que homens, mesmo que somente em suas próprias mentes, colocaram tal pessoa nesta situação, é uma tentação constante a de usar esta autoridade terrena. Em vez de continuar a confiar em Deus, torna-se possível para o servo de Deus recorrer a táticas humanas.

Quando se levantam situações adversas, torna-se fácil tomar suas próprias decisões e tomar negócios em suas próprias mãos. De modo interessante, quanto mais o vaso é usado por Deus, maior se torna o perigo.

Novamente a história de Moisés se torna um exemplo para nós. Ele foi um homem que se tornou um canal para a autoridade de Deus de uma maneira notável. Ele provou ser quase completamente obediente em seu ministério. Mas, uma vez, apenas uma vez, ele perdeu seu controle e escolheu usar sua própria autoridade para satisfazer às necessidades do povo. Em vez de, obedientemente, falar à rocha como Jeová o tinha instruído, Moisés iradamente bateu na rocha com seu cajado. Deus o honrou em sua posição e derramou água da rocha (Num 20:11).

Entretanto, este ato muito custou a Moisés. Através deste único uso da autoridade humana, natural, sua entrada na Terra de Canaã lhe foi negada. Este acontecimento demonstra claramente como Deus considera importante a distinção entre estes dois tipos de autoridade.

Todos os servos de Deus deveriam colocar isso no coração. Quando Deus os usa e eles são elevados aos olhos do povo, devem ser cuidadosos para manifestar apenas a autoridade do Espírito Santo que flui através deles. Qualquer autoridade natural ou posicional é desqualificada, mesmo que pareça estar conseguindo atingir os objetivos desejados. Mesmo que a vontade de Deus pareça bem clara para os líderes. Qualquer uso da autoridade natural, cargo, dom, ministério, à natureza carnal, não produzirá resultados espirituais. De fato, não pode. A Escritura diz: “Aquilo que é torto não se pode endireitar” (Ec 1:15). Nada que comece na esfera terrena pode produzir fruto espiritual.

Este é, então, o modo de Deus. O homem ou a mulher que deseja agradar a Deus deve se tornar um servo. Devemos nos humilhar diante do Senhor e dos nossos irmãos em Cristo, em vez de agir à maneira do mundo. Ao invés de procurar a exaltação aos olhos dos homens para podermos controlá-los e desse modo “ajudá-los” nos caminhos de Deus, devemos escolher sermos modestos. Desta forma, apenas aqueles que

estão realmente querendo ouvir a voz de Deus irão ouvi-Lo falar através de nós e serão obedientes. Este foi exatamente o modo como Nosso Senhor Jesus Cristo viveu enquanto esteve na Terra. Não apenas Ele tinha o direito e a autoridade para exigir obediência, mas Ele tinha o poder para forçar as coisas a andar ao seu modo. Não obstante, em vez de usar este poder, nós lemos: “Quem, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus, antes a Si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens, e, reconhecido em figura humana, a Si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz” (Fil 2:5-8). Queridos irmãos e irmãs. Este é o caminho. Ele é uma Pessoa Maravilhosa. Que nós possamos penetrar na completa experiência de Sua realidade.

5. A CABEÇA DE CADA HOMEM

Muitos cristãos gostam de ler a Palavra de Deus para descobrir o que Deus tem feito e ainda fará por eles. Esta é uma procura das riquezas de Deus que estão disponíveis a eles através da fé. Esta é uma busca maravilhosa. O tempo gasto na presença do Senhor, meditando em Sua Palavra, nos alimenta espiritualmente, fazendo-nos crescer. À medida que crescemos, começa a se formar em nós a percepção de que o universo não é centralizado no homem. Conforme o cristão amadurece, começa a compreender que foi feito por Deus e que Deus não existe simplesmente para seu benefício.

Talvez mais profundo do que aprender o que Deus pode fazer e fará por nós, é, em primeiro lugar, considerar porque Ele nos criou. Possivelmente nos beneficiaria grandemente entender mais sobre suas divinas intenções concernentes à humanidade. Por exemplo, uma revelação mais profunda dos propósitos de Deus em criar um ser assim como o homem, pode nos ajudar grandemente a compreender o trabalho que ele está fazendo dentro de nós e através de nós. Saber o porquê nós somos feitos irá indubitavelmente nos ajudar a compreender a vontade de Deus para nossas vidas. Desse modo, armados com este conhecimento, podemos mais facilmente enfrentar as tribulações e juízos usados por Ele para

atingir Suas metas. Com isto em mente, vamos examinar juntos algumas passagens das Escrituras.

Quando Deus fez o homem, em Gênesis, Ele disse: “Que eles tenham o domínio” (Gen 1:26). Isto revela algo. Nosso Criador nos fez à Sua imagem e semelhança para sermos soberanos – para reinarmos sobre a Terra. Parte de Sua intenção era que os seres humanos fossem mais que servos. Eles deveriam ser soberanos governadores sobre o mundo criado. Em outra passagem, o salmista Davi, sem dúvida meditando sobre esta profunda verdade, exclama: “O que é o homem para que vós vos importeis com ele? E o filho do homem para que o visiteis? Vós o fizestes um pouco menor que os anjos, vós o coroastes com glória e honra. Vós o fizestes para ter o domínio sobre todas as obras de Vossas mãos” (Salmo 8:4-6). Quando alguém é coroado, isto fala de realeza e soberania. Fala de autoridade e governo. E quem fez isto ao homem? Foi Deus mesmo que estabeleceu o homem nesta posição, reinando sobre Sua criação! Esta não é uma pequena consideração. O Deus Todo Poderoso fez o homem, coroou-o com glória e honra e então o mandou governar o mundo.

Este plano não é apenas revelado no Velho Testamento, mas também no Novo nós descobrimos que este era o plano definitivo de Deus. Nós vamos nos tornar, pela obra de Cristo, “reis e sacerdotes” para Deus (Ap 1:6). Devemos “reinar na Terra” (Ap 5:10). Devemos “reinar em vida” através de Jesus Cristo (Rom 5:17). Estas escrituras demonstram, sem sombra de dúvida, que Deus tem essa maravilhosa intenção para o homem. Quando nosso Pai nos criou, tinha em mente este fato importante: que nós iríamos reinar sobre a Sua criação. Ora, todos nós sabemos que o Senhor é o Supremo governante do universo. Ele ainda está sentado no trono do céu. Além disso, Ele não vai renunciar à Sua posição. Então como vamos compreender o fato de que Ele formou um outro ser à Sua própria imagem e Semelhança e o estabeleceu como um rei? É evidente que isto não foi feito porque o Ancião de Dias envelheceu muito, está prestes a se aposentar e, então, necessita de um substituto. Não, Nosso Senhor não tem intenção de abdicar o controle do Universo. Ele não vai transferir todas as coisas para nós.

DEUS NÃO É UM SHOW-MAN

Parte da compreensão deste mistério deve estar no fato de que nosso Deus não é um exibicionista. Isaias declara: “Verdadeiramente, Tu és Deus que Te ocultas” (Isaias 45:15). É parte da natureza divina do nosso Deus não fazer coisas de uma maneira exibicionista, mas sim permanecer escondido. (Por falar nisso, como esta verdade se reflete na obra que você está fazendo em Seu nome?) Mesmo a presente criação é um exemplo de seu trabalho secreto. Embora a criação O revele, somente aqueles que estão abertos para Ele podem perceber isto. Também o atual trabalho glorioso que ele está fazendo em Seus filhos é uma coisa oculta.

O Deus invisível, o Criador do Universo, escolheu permanecer na retaguarda e revelar-se através de um ser que ele criou - o homem. Este Deus revelou-se mesmo em Cristo Jesus dois mil anos atrás. Hoje, Ele deseja se manifestar através de Seus muitos filhos. Ele está se manifestando a nós para que possa ser revelado ao mundo e até mesmo ao Universo desconhecido. No futuro, isto também será verdadeiro. Aqueles crentes que foram fiéis a Ele serão coroados com glória e honra e colocados para reinar sobre a criação de Deus.

Assim, nós vemos que o propósito de nosso Deus é (e tem sido sempre) permanecer oculto, escolhendo reinar através destes representantes que Ele criou. Os homens, transbordantes de Deus e debaixo de Seu controle, devem manifestar Sua autoridade sobre a Terra. Esta não é autoridade deles próprios. Eles não estão escolhendo ou agindo de acordo com sua própria vontade. Na verdade, eles estão agindo pelo Espírito de Deus para exercer Sua autoridade. Ele, estando neles, está governando através deles. Eles são a manifestação de ambos: Sua natureza e Sua autoridade.

Esta compreensão de que Deus pretende reinar e governar através do homem, se harmoniza perfeitamente com o que nós estivemos vendo nos capítulos anteriores. O papel do homem no plano divino é ser um vaso, um condutor através do qual a autoridade de Deus flui. Um homem nunca se torna uma autoridade por si mesmo, mas é simplesmente um canal através do qual a autoridade sobrenatural é transmitida. Nós estamos agora num tempo de preparação e treinamento. Algum dia, em

breve, os filhos de Deus serão manifestos (Rom 8:19). Louvado seja Deus pelos Seus magníficos desígnios.

SOMOS REALMENTE SUBMISSOS?

Nos capítulos precedentes, estivemos discutindo como é que Deus usa os homens como vasos de Sua autoridade. Sua vontade é revelada através daqueles que são íntimos Dele e abertos a Ele. Estes homens e mulheres, então, são canais para a autoridade divina e servem como líderes entre o rebanho. Através de tais líderes, o povo de Deus pode ser dirigido pelo Altíssimo e se mover em harmonia com Ele para completar Seus planos.

Entretanto, este plano maravilhoso só pode funcionar com uma condição: para receber verdadeira autoridade espiritual de outro, todos nós precisamos estar genuinamente submissos a Deus. Ele deve se tornar nossa “cabeça”. Quando nossos joelhos já se inclinaram e a nossa vontade já se dobrou para que realmente estejamos desejosos de obedecer a Deus em qualquer circunstância, somos capazes de ouvir Sua voz falando através de outros. Se, por outro lado, nós estamos secretamente resistentes à direção de Deus (especialmente se ela contradiz a nossa) ou se não estamos sinceramente desejando conhecer a vontade de Deus, todo exercício de autoridade espiritual será em vão. Quando as pessoas não podem ou não querem submeter-se a Deus e a ouví-Lo individualmente, certamente elas vão se submeter a outros falando a elas com autoridade espiritual.

Isto é igualmente verdadeiro se somos um daqueles irmãos ou irmãs que não podem ouvir ninguém mais. Há muitos cristãos hoje que se incluem nesta categoria. Eles simplesmente não conseguem ser humildes o bastante para receber coisa alguma através de outro homem. É um insulto ao seu orgulho. Imaginam que Deus falará tudo diretamente a eles “através do Espírito”, não necessitando usar ninguém mais. Portanto, o pensamento de instrução ou direção de um outro, parece-lhes o caminho errado e estão constantemente resistindo a qualquer colocação que um outro irmão possa ter para suas vidas. Eles são irmãos rebeldes que, embora possam ter a aparência superficial de cristandade, não estão muito abertos à liderança de Deus.

Isto, meus queridos irmãos e irmãs, não é uma pequena consideração. De fato, é de importância fundamental. Porque Deus instituiu a autoridade governamental na Terra? Fez isso porque a humanidade não estava desejosa de obedecê-Lo diretamente. Por que ele permitiu que Israel tivesse um rei? É porque o povo não desejava segui-Lo (1ª. Sam 8:7). E porque nós temos hoje tanta autoridade humana e terrena dentro da Igreja de Deus? É o resultado da rebeldia dos crentes que se recusaram a responder à verdadeira autoridade espiritual.

Quando nós recusamos o falar interior de Deus, a única opção que se apresenta é um tipo exterior de controle. Se não somos suscetíveis ao Seu Espírito, então precisamos ser subjugados pela Sua Lei. Esta é uma verdade muito importante. A menos que todos nós possamos chegar a um ponto onde nosso ser inteiro seja completamente submetido a Deus, ainda não estamos prontos para andar com o Senhor e para sermos sensíveis à autoridade espiritual. Faltando isto, nós só seremos dirigidos por ordens superficiais, princípios do Novo Testamento, “guias espirituais” e líderes terrenos. Deste modo, nós podemos produzir algo que aparentemente é uma metódica e disciplinada igreja ou grupo, mas faltará um ingrediente essencial-verdadeira submissão ao Senhor.

O SENHOR DE TODOS.

Quando trazemos pessoas ao Senhor, ou mesmo quando chegamos nós mesmos a Cristo, precisamos afirmar uma verdade que frequentemente é negligenciada.

Quando recebemos Jesus Cristo, precisamos recebê-Lo por ser Ele quem é. E quem é Ele? Ele é o Senhor. Ele é o “cabeça” do corpo. Ele não é apenas o Salvador, mas, também o Senhor. Resumindo, Ele é a autoridade absoluta no Universo. Portanto, se nós estamos em alguma medida indesejosos de submeter cada aspecto de nosso ser ao Seu controle, nós estamos apenas jogando um jogo com Deus. Nós somos hipócritas. Nós o honramos com nossas palavras, mas nosso coração não é realmente Dele.

Falando sobre submissão a Jesus, queremos dizer: Ele deve ter permissão para controlar nossas ações, nossas palavras, nossos pensamentos, nossos sentimentos, nossas opiniões, nossos desejos e cada outro aspecto de

nossas vidas. Isto não significa que, ocasionalmente, fazemos algumas coisinhas que a Bíblia manda, ou que nós não fazemos umas poucas coisas que são contra as regras. Não está em vista tal submissão tão superficial. Todo cristão deve, mais cedo ou mais tarde, chegar a um ponto onde possa tomar a decisão de abrir cada canto de seu coração a Jesus e dar-Lhe o controle completo sobre si. Esta não é uma opção. Esta é uma parte essencial do verdadeiro cristianismo. A menos que, e até que façamos isso, não iremos nos “mover espiritualmente” a lugar algum.

Deus nunca fará algo dentro de nós contra a nossa vontade. Consequentemente, qualquer resistência em nós contra Sua autoridade, nos manterá distantes do progresso espiritual.

O crescimento espiritual não pode acontecer em um crente resistente. Eu, pessoalmente, conheci alguém que nasceu de novo, mas nunca realmente abriu seu coração para o controle e inspeção de Deus. Por vinte longos anos, Deus chamava e esta pessoa rejeitava a idéia de abertura completa ao Seu espírito. Então, miraculosamente, chegou o dia em que Jesus começou a conquistar esta Sua criança. A resistência começou a se desintegrar e uma nova abertura para o Senhor apareceu. Os portões se abriram e os muros ruíram para ceder completamente ao Senhor Jesus Cristo. Que mudança ocorreu! Que maravilhoso novo crescimento espiritual surgiu! Esta completa, total e dócil entrega a Deus trouxe um capítulo inteiramente novo para a vida deste indivíduo. Começou um progresso espiritual real. Aleluia! Nunca é demasiado tarde para abrir realmente sua vida para Jesus, deixando-O assumir o completo controle. Este é o começo do verdadeiro cristianismo.

Por falar nisto, se você não está crescendo espiritualmente ou se está cercado, ano após ano, pelos mesmos problemas, pecados e fraquezas, esta é a razão. Você ainda não abriu completamente o seu ser para Deus. Você está secretamente resistindo e recusando-se a permitir-Lhe acessar cada parte de seu coração e de sua vida. Você não deseja que certos aspectos de sua natureza ou de seu passado sejam expostos e tratados. A solução é fazê-lo honestamente, sinceramente, pela fé. Faça de todo o seu ser um sacrifício vivo. Ele é capaz de salvar completamente aqueles que vêm a Ele (Heb 7:25).

Jesus deve ser nossa “cabeça”. As Escrituras ensinam que “nós temos a mente de Cristo” (1ª. Cor 2:16). Esta é uma doutrina magnífica.

Infelizmente, para alguns não é mais do que isso. Em sua existência, do dia a dia, suas mentes estão cheias de seus próprios pensamentos, com talvez uma ocasional inserção da vontade de Deus no processo. Entretanto, este ensino maravilhoso deve ser experimentado por nós. Os crentes podem realmente experimentar o Espírito de Deus controlando sua maneira de pensar. Seus pensamentos e opiniões podem se tornar os mesmos de Deus através da entrega do controle de sua mente a Ele.

O verdadeiro cristianismo é quando o próprio Jesus está no completo controle de nossas vidas. Qualquer outra coisa só passa de imitação. O desejo de Deus de governar e reinar através de nós só pode ser realizado quando estamos submissos à Sua autoridade. Seus planos somente dar fruto em nós conforme entregamos cada área de nossa vida a Ele.

COBERTURAS PARA AS CABEÇAS.

Em 1^a. Cor. capítulo 11 encontramos o que veio a ser um assunto controverso em círculos cristãos: a cobertura das cabeças. Aqui Paulo está ensinando sobre o uso de véus, chapéus, ou alguma forma de “cobertura” para as mulheres durante as reuniões na igreja. Baseados em sua própria interpretação desta passagem, alguns crêem que é essencial para as mulheres usar uma cobertura física em encontros públicos. Outros pensam que os cabelos longos da mulheres são a “cobertura” sobre a qual Paulo está falando. Outros ainda raciocinam que esta admoestação é o resultado de uma cultura antiga e que não tem lugar em nossa sociedade hoje. Estas e muitas outras opiniões resultaram em muitas disputas na Igreja de Deus.

Embora muitas pessoas tenham variadas opiniões, eu creio que a maioria concordará com um ponto-chave. Paulo está ensinando sobre a necessidade da mulher ter uma atitude de submissão em relação ao marido ou, faltando o marido, em relação ao pai, ao líder, ou a outro homem que exerça a autoridade.

A cobertura física, quer a consideremos necessária ou não, é somente um símbolo de um atitude íntima de coração. Seguramente todos concordam que, qualquer cobertura, seja cabelo ou chapéu, que não seja acompanhada por uma atitude de submissão é simplesmente um adorno,

ou pior, uma hipocrisia. Então, o foco principal do ensinamento é que “uma cobertura” é uma evidência externa de uma postura interna. É o sinal ou símbolo de que a mulher decidiu submeter-se a um homem e de que este homem é “a cabeça” dela. Ela está cobrindo sua própria cabeça, seja com cabelos, véus ou simplesmente com uma atitude reverente, submissa, para significar que uma outra “cabeça” é reconhecida como superior.

Com isto em mente, vamos examinar juntos uma outra parte desta passagem. Paulo ensina que “a cabeça de cada homem é Cristo” vs 3. Além disso, ele afirma que um homem orar ou profetizar com a sua cabeça coberta desonra sua verdadeira cabeça. Quando um homem usa “uma cobertura” ele desonra Jesus Cristo (v. 4). Embora não seja uma coisa comum nos dias de hoje encontrar homens usando chapéus em reuniões na Igreja, há, eu creio, uma lição profunda, mais séria, para ser entendida nestes versículos.

Concluimos que a essência do ensinamento sobre a cobertura para a cabeça é uma atitude de coração. É uma decisão interior de colocar-se em posição de submissão ao homem. Entretanto, se um homem se coloca nesta posição, ele está agindo como uma mulher. Ele está se comportando de uma maneira que demonstra que ele escolheu um outro homem para ser sua cabeça - Ele está escolhendo submeter-se a uma autoridade humana. Esta posição, queridos irmãos, vai claramente contra as Escrituras. De acordo com o ensino de Paulo, esta atividade desonra a Cristo. É um insulto a ele e à Sua soberania sobre cada homem e sobre todos os homens.

Embora o uso de chapéus masculinos na Igreja seja realmente incomum, a prática de estar em submissão a um homem ou a um grupo de homens ou estar sob a “cobertura” de algum homem é, na verdade, muito comum. É, de fato, algo em que uma parcela significativa das Igrejas cristãs insiste. Eles dizem que, se você não está “em submissão”, você está fora da vontade de Deus. Se você não está “coberto” por algum outro homem ou ministro, você deve ser um rebelde do pior tipo. Idéias como “andar debaixo”, “sombriinha” e “procurando direção” são extremamente populares na Igreja de hoje.

O pensamento que de algum modo há uma certa segurança em adotar esta posição de submissão é predominante. Enquanto tudo isso é correntemente tão popular e tenha talvez uma aura de “estar certo”, vamos parar e pensar criticamente sobre isso por um minuto. Se uma mulher usa uma cobertura, ela está afirmando publicamente que está em submissão a um homem. Portanto, se um homem afirma publicamente que está em submissão a outro homem, ele de fato está “usando” uma cobertura na cabeça. Ele está tomando a posição de estar submisso a outro. Portanto, esteja um objeto (véu) físico presente ou não, ele está assumindo uma atitude que desonra sua verdadeira cabeça, Jesus Cristo. Certamente está óbvio que, no caso da mulher, o adorno não está no centro do debate, mas sim de uma atitude de coração. Assim também, no caso do homem, o verdadeiro ponto crucial do ensinamento de Paulo não é sobre chapéus ou bonés, mas sobre a posição do homem interior.

DESONRANDO CRISTO

Aqui a Escritura é bem clara. Se um homem ora ou profetiza (significando que está agindo em reuniões na Igreja) com sua cabeça coberta, está insultando Jesus. Está humilhando-se diante de outro homem em vez de diante de Deus e crendo na direção e supervisão desta outra pessoa. Este homem está indicando que Jesus não é suficiente. Sua liderança e direção não são adequadas, por isso se deve procurar por um ser humano para “cobertura”. Embora Jesus possa ser Sua cabeça de um modo místico e distante, ele está escolhendo um ser humano “real”, tangível, ao qual ele possa se submeter e a quem possa seguir. Se você fosse o Senhor do Universo e seus filhos agissem deste modo, você não estaria sendo desonrado? A Bíblia claramente diz que sim.

Porque isto é tão importante? Há muitas razões bastante claras. A primeira é que Deus criou o homem para preencher um plano maravilhoso. Se o homem deve ser o representante de Deus, ele deve estar em contacto íntimo e comunicação diários com Ele. Quando uma outra cabeça ou “cobertura” é colocada entre o cristão e Jesus, isto impede o próprio fluir da autoridade. Nenhum homem pode transmitir adequadamente a outro o que Deus quer dizer e diz. Já que todos os homens são finitos, também nossa compreensão da vontade de Deus é

limitada, Portanto, é impossível para um homem ou um grupo de homens chegar perto de expressar a vontade de Deus para outro, de uma maneira completa. Para um homem, colocar-se “debaixo” da autoridade de outro homem, interrompe severamente o fluir da autoridade do Cabeça para a sua vida e através dela.

Uma segunda razão para que os homens de Deus não se coloquem “debaixo” de um outro é que não podemos manter nossa atenção focalizada em duas direções ao mesmo tempo. Nenhum homem pode servir a dois senhores. Deus projetou o homem de maneira tal que ele só pode dar sua fidelidade a um superior de cada vez. Esta é uma verdade inalterável. Quando nos voltamos para olhar o homem procurando direção, automaticamente desviamos nossa atenção de Jesus. Fazendo isso, colocamo-nos debaixo de uma maldição de Deus. Ele diz “Maldito é o homem que confia no homem, que faz da carne o seu braço, apartando-se do Deus vivo” (Jer 17:5). Veja, confiar no homem e separar-se de Deus estão inexoravelmente ligados. Não há maneira de olharmos para um líder sem tirarmos os olhos de Nosso Senhor. Seria esta a razão pela qual Jesus nos ensinou a não chamar homem algum de “Pai,” “Mestre” ou “Líder” (Mat 23:8-10)?

Quando tentamos dividir nossa atenção, a direção que é mais fácil, normalmente vence. Não há dúvida de que é mais fácil seguir a um líder tangível, físico, humano, do que um Senhor invisível. A tendência natural da natureza humana é querer alguém para dirigi-la. Esta é exatamente a situação que Samuel encontrou entre os filhos de Israel. Eles vieram a ele querendo um rei. Consequentemente, ele ficou muito preocupado. Tentou em vão explicar-lhes o plano de Deus. O Altíssimo já era seu rei. Não necessitavam de um rei humano. Embora seu líder fosse invisível, Ele era muito real. Entretanto, Israel rejeitou o conselho de Samuel e exigiu um líder para reinar sobre ele. Deus realizou seu desejo, mas esta não era a Sua vontade. Do mesmo modo, Deus hoje tolera nossos sistemas terrenos e até mesmo os usa para alcançar os Seus propósitos, mas não é o Seu desígnio.

UM EXERCÍCIO FÚTIL

Uma terceira razão pela qual é errado colocarmo-nos “debaixo” de alguém que ajude nossa vida espiritual, é que simplesmente não funciona. Ninguém, além do nosso Deus, vê claramente nas profundezas de nossa alma. Os homens podem observar nossas ações exteriores e nossas palavras. Algumas vezes até têm pequenas percepções do que nos vai no coração. Mas apenas o Espírito do Senhor perscruta o que está escondido em nosso íntimo. Portanto, na melhor das hipóteses, o discípulo de uma pessoa só terá um tratamento superficial dos seus pensamentos e das intenções de seu coração. É possível que a pessoa seja muito obediente aos desejos de supervisores, mas tenha em seu coração áreas profundamente escondidas nas quais está se rebelando fortemente contra o seu verdadeiro Dono.

Além disso, há um grande perigo de tornar-se um fariseu. Sob a liderança de um ser humano, a aparência exterior de uma pessoa pode talvez ser limpa ou controlada. Agradando seu ancião, esta pessoa então imagina que fez progresso espiritual ou que está crescendo no Senhor. Quando se torna muito obediente ao seu “discipulador”, pode então supor que se tornou maduro e que está pronto para o serviço espiritual. Mas se nós estamos submissos a outro homem, estamos realmente mais submissos a Deus? Houve uma grande mudança em seu interior ou em seu relacionamento com o Senhor? Se nós realmente não nos entregamos a Deus antes de nos submetermos a um líder, como nossa atitude do fundo do coração pôde realmente mudar?

Devemos nos lembrar que a meta da autoridade espiritual é fazer as pessoas obedecerem a Deus e não aos servos de Deus ou a um padrão superficial. Por outro lado, quando um crente é verdadeiramente submisso a Deus, ele alegremente se submeterá a alguém que esteja falando por Deus. Isto será especialmente verdadeiro para aqueles que são conhecidos como canais da autoridade de Deus. Portanto, se podemos ministrar aos cristãos uma profunda e genuína submissão ao Senhor, todos os problemas de rebelião na Igreja podem ser resolvidos. Em vez de cobrir as feridas com um curativo de atitudes e ações superficiais, o ministro espiritual pode ajudar a expor e a eliminar a raiz do mal. Como a

Igreja de Deus precisa hoje de tal ministério! Como nós necessitamos nos tornar genuinamente submissos a Deus!

Como crentes, nós temos a responsabilidade de manejar corretamente a palavra da verdade (2º. Tim 2:15). Há o tal problema da verdadeira submissão espiritual. Há também o erro de submeter-se a homens em vez de Deus. Sim, eu me lembro dos versículos que falam sobre aqueles que estão “acima” de nós no Senhor. Que terrível tradução da palavra grega “proistemi” que significa “andar em frente: ou liderar” de acordo com o dicionário Vine. Não tem nada a ver com dominação, controle ou estar “sobre” no sentido comumente entendido. Através dos séculos os cristãos têm sofrido muito por causa desta má tradução, que tem levado a conceitos errados. Também, eu sei sobre o centurião, o homem “debaixo de autoridade” (Mat 8:9). Ele reconheceu a autoridade sobrenatural de Jesus porque ele próprio tinha autoridade terrena. Entretanto, ele certamente não estava ensinando sobre o governo na Igreja, nem nós deveríamos compreender isto desta maneira.

Claro que devemos ser respeitosos e submissos. É sobre isto que trata este artigo. Entretanto, submissão errada não nos levará a lugar algum. Apenas a genuína submissão a Deus funcionará. Que nós possamos procurar com oração a vontade de Deus e a Sua direção para esta importante questão.

ABDICAÇÃO DE RESPONSABILIDADE

Talvez a razão real pela qual tantos aceitam a idéia de submeter-se a outro homem é que isto os alivia de muita responsabilidade. Esta é a mesma razão pela qual os antigos israelitas queriam um rei. Eles queriam alguém que lutasse suas batalhas, tomasse as decisões importantes e lhes desse a direção. Deste modo, eles estavam livres para ir em suas próprias buscas.

Desembaraçados de responsabilidade espiritual, podiam apenas reclinar-se e locomover-se sem esforço.

Agora, há um certo apelo carnal nesta idéia. Confiar num líder respeitável e ser livres de responsabilidade é o que muita gente deseja. Entretanto, fazer isto é renunciar ao sacerdócio e reinado para os quais Deus nos criou. Adotando uma outra “cabeça”, rejeitamos a verdadeira. Cada um

de nós tem a responsabilidade diante de Deus como reis e sacerdotes para procurar a Sua vontade, praticar intercessão diariamente, manter um relacionamento com Ele e estar envolvido em levar outros para o Seu reino. Que tentação é deixar que outros façam o trabalho duro! Como é fácil apenas confiar nas habilidades de um outro! Mas Deus está pedindo mais do que isto. Cada homem precisa vestir as vestes sacerdotais e suportar a responsabilidades reais para seu próprio lar, o de amigos ou de irmãos no Senhor.

Irmão, é vontade de Deus que você reine com Ele! Não troque este privilégio para o modo mais amplo e fácil. Não deixe homem algum tomar a sua coroa (Apocalipse 3:11)!

6. A CABEÇA DO CORPO

Jesus Cristo é a cabeça de Sua igreja. Ele é Aquele que foi apontado pelo Pai para desempenhar esta importante função. Ele foi escolhido e ungido para Ter a primazia sobre todas as atividades de Seu povo. Este é um ensino extremamente claro das Escrituras. Colossenses 1:18 afirma isto claramente “E Ele é a cabeça do corpo, a igreja.” Efésios 1:22 explica que Deus o Pai “O deus (Jesus Cristo) para ser cabeça sobre todas as coisas para a igreja.” O Apóstolo Paulo mais adiante enfatiza isto em Efésios 4:15 afirmando que Jesus é “o cabeça, Cristo mesmo”. Este fato tremendo não é um ensinamento obscuro ou irrelevante.

Entretanto, ainda que a mensagem seja incontestável, o significado dela freqüentemente não é bem compreendido. Que possível aplicação prática tem esta verdade para nossas vidas diariamente? Talvez a compreensão comum seja a de que Jesus funcione hoje em Sua soberania como um dirigente máximo de uma grande corporação. Provavelmente Ele está em algum lugar nos bastidores tomando decisões executivas de alto nível, realizando conferências de tempos em tempos com os grandes e importantes líderes e orquestrando o completo desempenho à distância. Não há dúvida que o “trabalhador” comum O verá nas paredes das salas ocasionalmente ou mesmo num encontro de toda a corporação; mas, em geral, Seu trabalho é feito em um nível mais alto o qual impacta as vidas diárias daqueles dos mais baixos escalões apenas indiretamente. Esta

concepção se baseia talvez no fato de que Jesus ascendeu ao céu. Ele está, na verdade, “acima de todas as coisas.” (Efésios 4:10). Acrescentando à noção que “a cabeça” é algo de certa forma remota, está o fato de que Ele é invisível. Ele não é percebido ou compreendido pelo homem natural.

Estas coisas podem levar muitos à seguinte conclusão:

Jesus veio à Terra, morreu pelos nossos pecados e então subiu para estar sentado com o Pai. Agora o nosso trabalho é seguir as instruções que Ele nos deixou na Bíblia até que Ele decida voltar e nos recompensar por nossos trabalhos.

Esta suposição leva as pessoas a uma posição que é, talvez, a maior deficiência na igreja hoje. Muito poucos crentes conhecem e experimentam a liderança de Deus em suas vidas. Muitos cristãos têm pouca dificuldade em se relacionar com um Salvador, Redentor, Ajudador ou Consolador de uma maneira íntima, pessoal. Estas são as funções de Jesus Cristo a quem o coração humano pode responder prontamente. Talvez um pouco mais difícil seja o conceito de uma relação íntima com um “Senhor” ou um “Rei” que demanda obediência. Até mesmo removida é a idéia de uma “cabeça” que afeta diretamente não apenas nossos atos, mas também nossas atitudes, pensamentos e sentimentos. Entretanto, se estamos para tomar posse de tudo o que Deus tem para as nossas vidas e nos tornar agradáveis à Sua vista, este íntimo relacionamento de liderança com Ele é essencial.

Talvez o melhor meio de compreender o verdadeiro significado deste relacionamento é olhar para o que significa ser o Seu corpo. Nós, povo de Deus, somos o “corpo de Cristo.” Ef 1:23 A igreja como um todo é “o corpo” e Jesus é “a cabeça”. Os indivíduos então são vistos como “membros” deste corpo. Ef 5:30 Deus escolheu explicar-nos as coisas deste jeito porque é uma analogia extremamente acurada. Em um corpo humano todas as partes são controladas pelo cérebro. Nenhum músculo ou órgão funciona por si próprio, de acordo com sua própria vontade. Nem a cabeça pede opiniões ou idéias às outras partes. O todo trabalha harmoniosamente apenas quando cada parte está em comunhão íntima e em obediência ao cérebro. Desta maneira, o corpo serve para ser uma expressão do desejo da cabeça. Os vários músculos e partes do corpo,

incluindo a boca e os olhos, respondem à direção do cérebro e formam a expressão daquilo que a cabeça tem em mente.

Isto é exatamente o que a Bíblia quer dizer quando afirma que nós somos Seu corpo e que Ele é a cabeça. Cada um de nós é um membro deste corpo com algum tipo de função para executar. Quando nós fazemos isso de acordo com os impulsos momentâneos da Cabeça, somos então uma expressão Dele. O corpo de Cristo não é um autômato, simplesmente seguindo instruções escritas. É um organismo vivo, manifestando a vida dentro dele. É um erro extremamente sério supor que podemos realizar a nossa parte por nós mesmos. Como podemos nós expressar a vida de Jesus agindo independentemente ou simplesmente tentando seguir uma lista de instruções. Não é possível. Nossa parte é permitir a Jesus que controle todo o nosso ser de maneira que, quando agimos, ou mesmo quando reagimos, seja a Sua vida e natureza que sejam manifestas.

Esta verdade espiritual de sermos o corpo de Cristo só pode ser experimentada mantendo-se uma intimidade com a Cabeça. Embora seja verdade que todos os cristãos são membros do corpo de Cristo, esta verdade não nos fará bem algum, a menos que experimentemos, dia a dia, sua realidade. Em um ser humano, quando a cabeça perde o controle sobre seus próprios membros e eles começa começam a agir independentemente, nós identificamos o corpo como espasmódico. Ele começa a se comportar de modo desgovernado, descoordenado, que é assustador e mesmo horrendo. Quando o corpo de uma pessoa responde imperfeitamente às ordens da cabeça, a pessoa é chamada aleijada. Quão freqüentemente o corpo de Cristo aparece deste modo?

Nós podemos imaginar alguém que está confinado a um pulmão de ferro ou que está completamente paralisado. Os tecidos e órgãos compreendem o que é chamado o "corpo" da pessoa. Entretanto, ele cessou de responder à direção de sua cabeça e, portanto, não é mais uma expressão de si mesmo. Será possível que o corpo de Cristo, embora seja Dele por causa do derramar de seu próprio sangue, não esteja verdadeiramente respondendo à sua direção e, portanto, não exibindo Sua vida e natureza ao mundo?

Queridos irmãos e irmãs, há sérias considerações a fazer. Talvez tenhamos suposto que podemos agir por Deus e isso será o bastante. Mas

Deus não nos quer agindo em lugar Dele. Ao contrário, Ele deseja grandemente agir através de nós. Seu desejo para nós é que nos submetamos a Ele de uma maneira tal que ele tenha o controle sobre todo o nosso ser e possa nos usar como vasos para Se manifestar. Somente deste modo nós podemos experimentar o que realmente significa ser Seu corpo.

O que está em debate aqui não é “quem é o corpo de Cristo”. Todos os cristãos são, certamente, parte deste grupo. O “xis” da questão é “quem” está estimulando este corpo. Quem está no controle? Que vida e natureza estão emanando de cada membro? Talvez nós, como cristãos, nos confortemos com o fato de que nos tornamos membros de Cristo.

Estamos seguros em nossa membresia e acreditamos que isto é o suficiente. Entretanto, agora nós vemos que este fato não é suficiente para completar a vontade de Deus e satisfazer Seus desejos. Não há dúvida de que Ele pretende que Seu corpo seja uma expressão Dele mesmo. Nós devemos ser Suas testemunhas não simplesmente dizendo coisas sobre Ele, mas verdadeiramente expressando-O. Deus nos chamou e nos redimiu para que formemos um conjunta manifestação de tudo o que Ele é. Sua vida e natureza, que eram tão clara e poderosamente retratados em Sua pessoa quando Jesus andava pela Terra, devem agora ser mostrados através daqueles a quem Ele chama Seu corpo.

O desejo de Deus é manifestar-se ao mundo. Ele deseja ardentemente que todos os homens possam vê-Lo e conhecê-Lo. Esta responsabilidade foi colocada sobre aqueles que compõem Seu corpo. Isto nunca pode acontecer por nossos próprios esforços. Nós não podemos tentar imitar Deus e supor que isto será o suficiente para convencer o mundo do pecado. A única possibilidade é que nós nos submetamos à Sua liderança de modo a sermos inundados com Sua vida e animados por Sua direção. Quando Ele está vivendo através de nós, somos uma exibição Dele.

Quando estamos simplesmente tentando viver por Ele, nós, inevitavelmente só podemos expressar nosso próprio conceito de como Ele é. Verdadeira justiça, paz, alegria, vitória sobre o pecado e todas as coisas que compreendem uma real manifestação da natureza de Deus só são possíveis quando Ele é nossa cabeça.

Como precisamos desta experiência hoje! Quão essencial é que a liderança de Cristo seja muito mais do que alguma doutrina antiga para nós.

Precisamos experimentar a realidade desta liderança para sermos agradáveis a Deus. Nosso Pai Celeste é, em alguns aspectos, uma pessoa muito minuciosa. Há apenas uma coisa no Universo que verdadeiramente o agrada: Seu Filho. Quando Ele vê Seu Filho manifestado através de nós, Ele se agrada grandemente. Nada menos que isso irá satisfazê-Lo. Se nós dizemos que somos Dele e que queremos fazer Sua vontade, esse é o caminho: permitir que Seu Filho Jesus Cristo domine nossa personalidade e seja nossa cabeça. Quando Ele é Aquele que inicia nossas palavras atitudes e atividades, então, e tão somente então, nós agradaremos ao Pai.

Nas Escrituras nós encontramos a frase “a mente de Cristo” (1ª Cor 2:16). Isto é algo que a Bíblia diz que nós temos. Infelizmente, para muitos, isto é nada mais que um ensino agradável que não tem um impacto real ou influência em sua vida. Não é parte de sua experiência diária.

Possivelmente suas mentes são, ao contrário, dominadas por suas próprias idéias, pensamentos e opiniões.

Há também nas Escrituras algo chamado de “renovação da mente” (Rom 12:2). Aqui nós lemos que podemos ser transformados por este processo e que o resultado será algo que é “aquele bom e aceitável e perfeito desejo de Deus”. Que excitante! Aqui está um modo de ser transformado para que possamos estar agradando a Deus. E como isto acontece? É simplesmente permitindo que o Espírito Santo de Deus domine nosso processo cerebral. Nós podemos experimentar Jesus como nossa Cabeça.

Isto é exatamente o que as Escrituras dizem quando falam sobre ser “renovados no espírito de (nossa) mente (Ef 4:23). Isto fala do Espírito Santo preenchendo, transformando e então usando nossas mentes para expressá-Lo em toda a Sua plenitude. Esta é verdadeiramente uma salvação maravilhosa.

Como você pode ver, experimentar Jesus como nossa cabeça é muito mais do que obedecer às Suas direções ocasionais ou a algum mandamento das Escrituras. Em vez disso, é submeter nosso ser inteiro ao Seu controle.

Quando Jesus domina nossa mente, Ele nos controla inteiramente.

Através deste processo de transformação, nós, individualmente e corporativamente, nos tornaremos uma expressão viva Dele - Seu corpo.

CABEÇA DO CORPO

Jesus não apenas pretende ser a cabeça de cada membro individualmente, mas Ele também é a cabeça da igreja como um todo. Então, o que isto significa? Isto significa que, quando nos reunimos em Seu nome, não estamos livres simplesmente para fazer nossas próprias coisas. De novo, Ele não está ansioso para nos observar executando rituais religiosos para Ele. Sua intenção é ser o líder de tudo o que fazemos. Para que a Igreja, Seu corpo, seja uma expressão Dele mesmo. Ele deve estar no comando. Pense nisto por um momento. Se nós não seguimos a liderança momento a momento do Santo Espírito em nossas reuniões, nós não estamos expressando Jesus Cristo. Se apenas ocasionalmente nós Lhe abrimos espaço para se mover como Ele deseja, então nós O estamos manifestando de uma maneira muito limitada. Isto então nos leva de volta à nossa analogia de um deficiente, espasmódico ou paralítico. Embora nós sejamos a igreja de Deus em um sentido de ocupação de cargos, nossa experiência deste fato freqüentemente deixa a desejar. Embora nunca deixemos de ser Seu corpo, a verdadeira igreja que Jesus está procurando nunca poderá ser realizada enquanto Ele tiver somente uma pequena influência sobre ela.

O próprio Jesus explicou esta verdade à mulher samaritana que Ele encontrou no poço de Jacó. Ela estava indagando sobre o lugar apropriado para adoração. Naturalmente ela estava curiosa para resolver o velho dilema sobre qual seria o local correto. Tantas vezes hoje em dia nós também nos preocupamos sobre qual formato é mais adequado às Escrituras, que método é o melhor ou que dia foi o escolhido pelo Senhor.

Confiantemente você pode ver como nenhum destes tem alguma importância para completar a vontade do Pai. Jesus responde a ela dizendo que a verdadeira adoração só pode ocorrer no Espírito. Isto significa que é apenas quando o Espírito de Deus está fluindo e dirigindo nosso louvor que o Pai está satisfeito. Como precisamos experimentar tal adoração hoje! Como nosso Pai Celestial está desejoso de que nós cumpramos a Sua vontade!

Como então devemos nos reunir? Esta é uma questão que deve ser decidida ouvindo a direção do Espírito Santo. Como, quando e onde são questões que Ele responde se estamos preparados para ouvi-Lo. Primeiro

de tudo, entretanto, nós precisamos esvaziar-nos de nossas próprias idéias e opiniões. Precisamos libertar-nos de tradições e práticas religiosas. Simplesmente copiando o que outros têm feito por séculos, não nos capacita a chegar ao melhor de Deus. Na verdade, fazer isto nos garantirá que não chegaremos. Por que é que confiamos tão pouco em Deus para liderar e dirigir-nos nestas coisas tão simples e práticas? Como é que Aquele que mantém o Universo unido pelo Seu poder pode ser incapaz de dirigir Seu povo em suas reuniões? Precisamos nos humilhar diante de Deus e abrir nossos corações a Ele. Precisamos nos arrepender de fazermos nossa própria vontade, achando que isto irá satisfazê-Lo. Ele pode construir Sua igreja e vai fazê-lo se apenas O deixarmos ser o cabeça de tudo.

Sem dúvida, o Senhor nos guiará falando através daqueles que são íntimos com Ele. Se verdadeiramente tivermos ouvidos para ouvir Sua voz, Ele nos guiará em cada passo prático. O uso de Seu dinheiro, por ex, é uma maneira pela qual Ele nos guia referente a um lugar para reunião. O tamanho do espaço físico é uma outra consideração. Será que Ele nos levou a arrumar algo especial para as crianças? Será que Ele mesmo instituiu um coral? Que tal sobre a arrumação das cadeiras? Será que ouvimos Dele? Talvez você pense que estas coisas são insignificantes demais para requerer Sua atenção. Absolutamente não! A Bíblia diz que em todas as coisas Ele deve ter primazia (Col 1:18). Além disso, devemos sempre estar prontos, como estavam os Filhos de Israel no deserto, para mudar qualquer coisa a qualquer hora. Conforme o corpo cresce ou outras considerações surgem, Jesus pode e irá nos dirigir diariamente nestes detalhes. Deste modo, começamos a providenciar para Ele um lugar onde Ele possa fazer Seu trabalho.

ENCONTROS DIRIGIDOS PELO ESPIRITO

Uma vez que ouvimos de Deus a respeito de questões práticas sobre como e onde devemos nos encontrar, costumamos determinar exatamente o que acontecerá durante a reunião. Isso também deve ser deixado aberto à direção do Espírito Santo. Na Bíblia lemos que, quando nos reunimos, um deve ter canções, hinos, línguas ou interpretação (1ª Cor 14:26). Também lemos que todos podem profetizar de acordo com a direção do

Espírito (1ª Cor 14:31). Quando estamos reunidos, o próprio Jesus está no nosso meio. Ele vem, não como um observador, mas como um líder. Ele pode motivar (e o faz) cada membro do corpo a contribuir com sua porção Dele em uma maneira ordenada e coerente. Já que cada membro esteve em contato íntimo com Jesus durante a semana, muitos deles terão algo recente para compartilhar de seu companheirismo com Ele. Toda esta atividade é dirigida pelo Espírito Santo e supervisionada por aqueles que são canais de autoridade espiritual por causa de sua intimidade com Deus. Não é um tipo de liberdade fora de qualquer controle mas uma exibição do corpo de Cristo orquestrada pelo Espírito Santo.

Desta forma Cristo pode ser manifesto em Seu corpo. Deste modo, “cada junta” suprirá os outros com Sua porção (Ef 4:16). Assim, todos crescerão juntos, como Deus quer que cresçam. O ensino, a pregação e a exortação certamente têm lugar em um encontro dirigido pelo Espírito. De fato, Deus nos pode levar a agendar encontros especiais apenas com estes propósitos. Tempo para oração, ministração especial aos novos convertidos, sessões de ensino intensivo, campanhas evangelísticas – todas estas coisas podem ser conseguidas pelo nossa cabeça se estivermos atentos e abertos para Ele. Deus é capaz de dirigir o Seu povo. Ele é capaz de edificar Sua igreja. Apenas precisamos esvaziar nossas mãos de nossos próprios planos e programas e nos humilharmos diante Dele. Jesus é capaz de nos dar nossa experiência de igreja com Ele mesmo.

Quão freqüentemente nós temos colocado nossa próprias idéias, intenções de trabalho e desejos no lugar da verdadeira liderança! Suponha, por ex, que notamos uma necessidade entre os jovens. Geralmente nosso primeiro pensamento é encontrar algum tipo de programa para eles e então escolher alguém para levá-los. Este método, entretanto, nunca alcançará uma verdadeira meta espiritual. O que aconteceria se, em vez disso, nós passássemos algum tempo em oração abrindo-nos para Deus e procurando Sua solução? Talvez Ele levantasse alguém com um dom especial e unção para ministrar a estes jovens.

Então, em vez de um programa, teríamos uma ministração espiritual operando na igreja. Teríamos alguém com uma verdadeira unção e responsabilidade para ocupar este ministério. Isto é realmente o que necessitamos. Não precisamos mais de entretenimento, programas e grupos de apoio na assembléia. Nós precisamos da presença do Santo

Espírito! Precisamos do próprio Deus! Se então O procuramos de todo o nosso coração, encontraremos um novo e vivo tipo de experiência de igreja que satisfará profundamente não apenas as nossas expectativas, mas também as de Deus.

RESERVADO PARA A CABEÇA

Conforme você pode, sem dúvida, perceber pela presente discussão, toda a autoridade na igreja está reservada para a Cabeça. Não há lugar para nenhuma outra. Qualquer outra autoridade irá simplesmente substituir ou tomar o lugar do fluir da autoridade de Jesus. A menos que a “liderança” na igreja seja simplesmente uma manifestação da própria autoridade de Deus, ela impedirá ao invés de ajudar o processo.

Queridos amigos, esta é uma consideração muito séria. O corpo de Jesus é Dele! Nós não somos livres para construirmos algum tipo de imitação.

Nós simplesmente não podemos estabelecer nenhum outro tipo de autoridade em nossos encontros, além daquele que o Pai já instituiu. Nós precisamos permitir que Jesus seja a nossa Cabeça. Somente desta maneira poderemos experimentar a realidade da igreja e satisfazer os requisitos de Deus. Somente deste modo pode o corpo crescer e ministrar a si mesmo conforme Deus designou.

Talvez agora o leitor possa mais facilmente compreender a grande necessidade de genuína autoridade espiritual na igreja de hoje. Também torna-se mais claro que a autoridade meramente humana nunca poderá atingir os objetivos de Deus. É apenas quando a cabeça está estimulando o Seu corpo que Sua vida e Sua natureza são expressos. Quando um outro alguém está no controle, não importa o quão bem intencionado ele esteja, o resultado nunca será uma expressão de Deus. Então este é o princípio inalterável da liderança. No corpo de Cristo não pode haver nenhuma outra autoridade, nenhuma outra cabeça. Quando colocamos um outro alguém nesta posição, contaminamos a expressão de Jesus, introduzindo um elemento estranho na igreja de Deus. Interessante que um dos significados do prefixo “anti” em grego é “em vez de” ou “no lugar de”.

Isto então nos leva a uma nova compreensão da palavra “anticristo”. Talvez tenhamos sempre pensado no anticristo como alguém que é contra Cristo ou que é oposto a Ele. Aqui, entretanto, vemos que simplesmente

tomar Seu lugar como verdadeira autoridade e Cabeça também significa ser “anticristo”.

Então, nas reuniões da igreja, o lugar dos líderes poderia ser melhor compreendido como um tipo de supervisor. Aqueles que são maduros e íntimos de Deus supervisionam os procedimentos. De fato, a Bíblia usa a palavra “supervisores” para indicar esta função. Aqueles que são menos maduros são livres para exercer seus dons e habilidades porque há membros qualificados que podem gentilmente corrigir qualquer problema. A verdadeira liderança espiritual pode ser exercida de um modo muito discreto. Uma simples palavra ou oração na hora apropriada, falada pela direção do Espírito Santo, pode trazer o encontro de volta de algum desvio que possa ter ocorrido. Aqueles que desejavam dominar a reunião com suas idéias e opiniões podem ser cuidadosamente admoestados. Os líderes estão presentes, não para controlar ou usar as reuniões como um tribunal para seus próprios ministérios, mas para servir ao corpo, cuidando para que tudo seja feito de acordo com a direção do Cabeça.

Naturalmente, nenhuma reunião será perfeita. Haverá sempre alguém orando ou testificando de seu próprio coração. Um líder que tenha sido verdadeiramente quebrantado pelo Espírito Santo saberá de Deus quando é necessário dizer ou fazer alguma coisa ou quando o Senhor vai simplesmente permitir que uma imperfeição não seja corrigida. Todos nós temos imperfeições em nossas vidas e somente Deus sabe a hora e o lugar para que estas deficiências sejam tratadas. Sabedoria verdadeira é o resultado da experiência e maturidade. Talvez seja por isso que as Escrituras usem a palavra “anciãos” para descrever tais pessoas. Notem que Paulo exorta que nenhum novato deveria exercer esta função (1ª Tim 3:6). Há uma grande necessidade de paciência, clemência e amor para ser forjado o caráter de alguém que é canal para a autoridade divina. Se o caráter de Deus não é mostrado naqueles que estão liderando a manifestação de Deus será contaminada por personalidades naturais.

A liderança na igreja é uma responsabilidade terrível. Não é algo que alguém deva tentar tomar sobre si mesmo. Há uma grande tentação para os homens jovens, possuidores de dons imaginar que eles estão qualificados para liderar a igreja. Eles ouvem de Deus. São ungidos por Ele e, portanto, supõem que estão aptos a serem líderes! Entretanto, nada

pode substituir o quebrantamento e anos de experiência sob a mão de Deus. Aqueles que são “líderes” serão julgados por Deus pelo seu trabalho, como qualquer um de nós será. Se nós tomamos sobre nós mesmos o manto da autoridade e dirigimos a igreja de Deus de acordo com a iniciativa de nosso próprio coração, seremos mostrados como tolos na frente de todos e vistos como irresponsáveis perante o Juiz de todas as coisas.

Uma outra consideração importante aqui é que aqueles que são canais da autoridade de Deus e funcionam como “supervisores” devem ter um relacionamento íntimo com o outro. Eles devem estar ligados pelo espírito por Deus. Isto requer da parte destes indivíduos um desejo de abrir seus corações um para o outro para ter um tipo de transparência divina. Eles devem ter uma unidade que a Bíblia descreve como “um coração e uma mente” (Atos 4:32). Deste modo, eles podem agir juntos como se fossem um, ao exercer a autoridade divina. Se houver qualquer desunião ou desacordo entre os líderes, será um desastre para o rebanho. Se os que estão na liderança não podem ou não querem agir em harmonia um com o outro no Senhor, resultará num fracasso e o testemunho de Jesus será perdido. É impossível preservar a autoridade do Espírito Santo quando há desconfiança, desarmonia e discussão entre os líderes.

Isto então é essencial para se começar a pensar quando se quer reunir. Pelo menos dois ou três homens que o Senhor preparou e escolheu devem estar juntos em acordo sobre estes assuntos. É absolutamente imperativo que seja estabelecido como um ponto de partida para este tipo de união entre os líderes. Se isto não acontece, o resultado só pode ser de confusão.

Muitos outros tentarão penetrar e assumir responsabilidade. “Autoridade” de qualquer direção, menos de Deus, será manifestada. E a liderança, em uma condição enfraquecida e dividida não será capaz de lidar com isto acordo com a direção de Deus. Durante muitos anos eu tenho visto muitos grupos nestas condições. Eles escorregam para dentro e para fora da vontade de Deus. A cada semana é uma aposta se o encontro vai estar cheio da presença do Senhor ou não. O que precisamos desesperadamente hoje não é “ausência de liderança” mas verdadeira supervisão espiritual daqueles que são preparados por Deus. Somente a liderança plural (mais do que uma), unida, espiritual, resultará em um encontro cristão com a manifestação do próprio Deus.

Porque é que hoje o Cristianismo parece tão fraco? Porque as vidas de tantos crentes ainda estão cheias de escravidão e pecado? Porque é que nós estamos tendo tão pouco efeito sobre o mundo em volta de nós? A igreja primitiva em 30 ou 40 anos “virou o mundo de cabeça para baixo”.

(Atos 17:6.) Por outro lado, em nossas dias, com todo o dinheiro e material à nossa disposição, comparativamente, pouco está sendo feito. Ora, eu não estou dizendo que não há muita atividade. Certamente que há. Entretanto, o impacto desta atividade parece estranhamente menor que o de dois mil anos atrás. Deus mudou? Absolutamente não! Porém, se formos honestos conosco, devemos admitir que algo parece estar diferente. Talvez seja válido pararmos e considerarmos se há uma parte do plano de Deus que nós perdemos, o qual poderia estar impedindo Seu poder e Sua vontade.

UM TEMPLO VIVO

A Bíblia nos ensina que nós, individualmente, e também a igreja, corporativamente, somos o Templo de Deus. O próprio Deus, somos ensinados, mora ali. Agora, o que poderia ser mais poderoso ou eficaz que a presença do Todo-Poderoso? O que poderia transformar vidas mais do que um encontro face a face com o próprio Jesus? Mas, vamos por um momento, sermos completamente honestos conosco. Deus realmente mora entre nós? É a palpável presença do próprio Senhor a principal característica de nossas reuniões? É a terrível majestade e glória de Deus a principal atração para nós e para os outros? Ele reside permanentemente em nós ou é simplesmente um visitante ocasional? Verdadeiramente agora, esta “doutrina do templo” é nossa experiência diária ou apenas mais um desses agradáveis ensinamentos bíblicos que parecem grandes mas têm muito pouco lugar em nosso dia a dia.

Eu creio que a grande necessidade de nossos dias é que a cabeça, Jesus Cristo, seja restabelecido em seu legítimo lugar em Seu corpo. Por um tempo longo demais Protestantes e Católicos têm substituído a verdadeira liderança do Santo Espírito por fórmulas e formas, ritos e cerimônias. Nós temos colocado simples homens no lugar de Deus, supondo que isso possa produzir os resultados que Ele busca e que nós necessitamos tão desesperadamente. Como nós necessitamos de um grande

arrependimento! Como precisamos retornar de nossos próprios caminhos e nos humilharmos! Como precisamos admitir que temos estado parados no caminho de Deus e culpando-O pela falta de resultados que nós almejamos para nossa própria glória e prazer.

Vamos ser aqueles que anunciam o Rei. Vamos estar entre aqueles que são os primeiros a se submeterem a Ele como nossa verdadeira cabeça e permitir-Lhe manifestar-se entre nós. Como precisamos satisfazer Sua vontade para que Ele possa ser tudo em todos. Jesus é a Cabeça. Ele é Aquele que pode dirigir e preencher Seu corpo se Lhe dermos oportunidade. Nossa experiência de igreja, a qual, se formos honestos conosco, tem até agora sido fraca e, na melhor das hipóteses apenas parcialmente eficaz, pode ser transformada em um poderosa manifestação da presença de Deus. Tudo o que precisamos fazer é nos submetermos a Ele. Nós temos apenas que nos esvaziarmos daquilo que tem estado substituindo Sua liderança e permitir a Ele que nos dirija em todas as coisas. Deste modo, o próprio Deus estará conosco. Sua presença impregnará nossas reuniões e nossas vidas diárias. Sua glória encherá Seu templo. Está claro que Deus não habitará um templo feito por mãos humanas (Atos 7:48). Se o que temos feito é um produto de nosso próprio esforço, Deus nunca o abençoará. Por outro lado, quando humildemente cooperamos com Ele na construção de Sua igreja, Ele a encherá com Sua presença, Seu poder, Sua glória e majestade podem ser nossa experiência diária.

F I M

<http://livrosgospel.net>

<http://livrosevangelicos.org>

Livros gospel e estudos bíblicos grátis, livros de utilidades

gerais e produtos diversos